



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VINÍCIUS AUGUSTO BATISTA EIRA

**O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO DEBATE SOBRE A
VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Londrina
2019

VINÍCIUS AUGUSTO BATISTA EIRA

**O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO DEBATE SOBRE A
VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Emerson dos Santos Dias

Londrina
2019

VINÍCIUS AUGUSTO BATISTA EIRA

**O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO DEBATE SOBRE A
VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Comunicação da Universidade Estadual de
Londrina, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Emerson dos Santos Dias
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Me. Fábio Alves Silveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Me. Ossamu Nonaka
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

EIRA, Vinícius. **O papel da mídia impressa no debate sobre a violência nos estádios de futebol**. 2019. 76 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo elencar qual o papel da mídia impressa brasileira no debate acerca da atmosfera de violência direta e estrutural que cerca os estádios de futebol, analisando o que é dito em dois dos maiores jornais impressos do país. Busca-se ainda traçar um perfil do torcedor brasileiro e como a violência funciona na prática. Além disso, será feita a análise de três episódios importantes envolvendo a violência em estádios brasileiros, com o levantamento feito de forma virtual, nos acervos digitais da Folha de São Paulo e do O Globo. Primeiro, será analisado a chamada “batalha campal do Pacaembu”, uma briga que envolveu torcedores de Palmeiras e São Paulo, além da polícia militar do estado, no dia 20 de agosto de 1995. Em segundo, a briga entre torcedores do Atlético Paranaense e do Vasco da Gama, na Arena Joinville, no dia 8 de dezembro de 2013. Por fim, a confusão entre torcedores de Flamengo e Independiente da Argentina, policiais e seguranças do Maracanã, no segundo jogo da final da Copa Sul-americana de 2017, em 13 de dezembro de 2017. O presente trabalho se baseará em dados e estudos envolvendo a violência no futebol e suas relações com torcedores, mídia e governo, a responsabilidade da mídia na cobertura e perpetuação desses eventos, além dos critérios de valor-notícia.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Mídia. Futebol. Torcidas. Violência.

EIRA, Vinícius. **The role of printed media on the debate over the violence on soccer stadiums**. 2019. 76 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

This paper intends to discuss the role of Brazilian printed media on the debate over the atmosphere of direct and structural violence that surrounds soccer stadiums, analyzing what is being said on two of the biggest printed newspapers in the country. More than that, this study aims to build a profile of Brazilian soccer fans to understand how violence actually works. Besides that, an analysis of three important episodes involving violence on Brazilian stadiums using digital archives of “Folha de São Paulo” and “O Globo” will be made. First of all, it will be analysed the “batalha campal do Pacaembu”, an instance of a fight between supporters of the soccer teams “Palmeiras” and “São Paulo”, with the involvement of the state’s police, in august 20th of 1995. Then, the clash between supporters of “Atlético Paranaense” and “Vasco da Gama”, in the Joinville Arena, on December 8th of 2013. Finally, the altercation between the supporters of “Flamengo” and “Independiente da Argentina”, involving the police and the security guards of Maracanã stadium, in the second game of the finals of the South American Cup of 2017, on December 13th of that year. This paper is going to be based on data and studies involving the violence on soccer games and it’s relation with the teams’ supporters, the media and the government. It will also investigate the responsibility of the media on the press coverage and perpetuation of these events, besides the discussion about the criteria of news-value.

Key words: Communication. Journalism. Media. Soccer. Supporters. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do The Sun	25
Figura 2 – Capa da Folha de S.Paulo de 20.8.1995.....	51
Figura 3 – Capa do O Globo de 20.8.1995.....	51
Figura 4 – Capa de Esportes da Folha de 20.8.1995	52
Figura 5 – Capa de Esportes O Globo de 20.8.1995.....	52
Figura 6 – Capa da Folha de 9.12.2013	59
Figura 7 – Capa do O Globo de 9.12.2013.....	59
Figura 8 – Capa de Esportes da Folha de 9.12.2013	60
Figura 9 – Capa de Esportes O Globo de 9.12.2013.....	60
Figura 10 – Capa da Folha de 14.12.2017	65
Figura 11 – Capa do O Globo de 14.12.2017.....	65
Figura 12 – Página com matéria na Folha.....	66
Figura 13 – Página com matéria no O Globo	66

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Análise comparativa entre os jornais, referentes à tragédia do Pacaembu	51
Quadro 2 – Análise comparativa entre os jornais, referentes à confusão em Joinville	59
Quadro 3 – Análise comparativa entre os jornais, referentes à final da Sul-Americana de 2017	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 METODOLOGIA	13
2 CONCEITOS	16
2.1 FUTEBOL	16
2.2 TORCIDAS E TORCIDAS ORGANIZADAS	21
2.3 VIOLÊNCIA	22
2.4 VIOLÊNCIA NO ESTÁDIO	27
3 VALOR-NOTÍCIA E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	31
4 ANÁLISE DOS JORNAIS E REPORTAGENS	42
4.1 BATALHA CAMPAL DO PACAEMBU (1995)	42
4.1.1 Cobertura do Jornal Folha de São Paulo	43
4.1.2 Cobertura do Jornal O Globo	47
4.2 A GRANDE CONFUSÃO EM JOINVILLE (2013)	52
4.2.1 Cobertura do Jornal Folha de São Paulo	53
4.2.2 Cobertura do Jornal O Globo	55
4.3 A FINAL DA COPA SUL-AMERICANA DE 2017	60
4.3.1 Cobertura do Jornal Folha de São Paulo	62
4.3.2 Cobertura do Jornal O Globo	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do planeta e tem a capacidade de carregar e mexer com o sentimento das massas, que com o tempo, passaram a se organizar e retribuir todo o sentimento que desporto transmitia. Mas casamento entre torcida e esporte tem seus altos e baixos também. Quando lhes convém, dirigentes e governo apoiam as festas e cobram a presença das pessoas nos estádios. Mas existe o outro lado da moeda, e quando acontece algo ruim, os primeiros culpados geralmente são os torcedores.

Mas de forma quase que irônica, foram os próprios dirigentes e governantes que tiveram a responsabilidade no surgimento dos torcedores ditos 'diferentes' dos comuns, os que se organizam. De acordo com Costa (2015), com o aumento da participação popular nos estádios, também aumentava a preocupação com o comportamento desta massa que passou a acompanhar o esporte de perto. Um dos modos de controle encontrado foi a criação das torcidas uniformizadas, estabelecidas no início da década de 1940, formadas por sócios dos clubes, geralmente oriundos da classe média, e que eram capazes de integrar, regular e manter a ordem nos estádios. (TOLEDO, 1999)

Agindo no oposto das Uniformizadas, no final da década de 1960 surgem as organizadas, mais popular e com um caráter importante no âmbito social, afinal, nascem em um contexto político turbulento por conta da ditadura militar. As organizadas eram formadas por indivíduos de diversos estratos sociais, compostos por um grande contingente de jovens, em sua maioria homens, das zonas periféricas. De acordo com Costa (2015), é a partir da década de 1980 que esse tipo de torcida passa a ter mais destaque no cenário social por conta de uma série de episódios violentos os envolvendo, principalmente após a morte de Cleofa Sóstenes Dantas da Silva, presidente da Mancha Verde, Organizadora da Sociedade Esportiva Palmeiras, em frente a sede da torcida.

A partir disso surgiu no imaginário social que torcidas organizadas e violência são sinônimos. Passou-se a ter uma ideia de que todas são violentas e que o ambiente que cerca o estádio é perigoso para o, dito, torcedor comum. Costa (2015) afirma que na falta de um culpado por problemas nos estádios, as torcidas

foram configuradas como vilãs da história, sempre sendo comparadas com os indivíduos classificados como exemplo.

Mas a violência é algo específico do futebol ou um reflexo da sociedade? Murad (2017) diz que a violência que se manifesta no futebol não é só resultado daquilo que se afirma dentro de campo. Desemprego, falta de uma educação de qualidade, cidadania de baixa intensidade, tráfico de drogas, mercado negro de armas, crime organizado, descaso das autoridades públicas, impunidade, corrupção etc, são algumas das macroviolências que, aparecem sim no microcosmo do futebol, mas que também aparecem no trânsito, na escola e na família, no contexto social brasileiro. Ou seja, para estudar a violência em determinada esfera da sociedade, deve-se contextualizá-la para o ambiente geral em questão. Murad enfatiza que precisamos entender e interpretar a violência *no* futebol mais que a violência *do* futebol.

Era óbvio que a violência representava um protesto. Fazia sentido que assim o fosse: as partidas de futebol ofereciam uma válvula de escape para frustrações de natureza profunda. Muitos jovens estavam desempregados ou jamais haviam conseguido colocação alguma. A violência, por conseguinte, era uma espécie de rebelião — rebelião social, rebelião de classe, alguma coisa. (BUFORD, 1992, p.12)

Por outro lado, parte da mídia tem uma certa responsabilidade na criação da ambientação de violência nos estádios. Murad (2017) afirma que a mídia influencia a opinião pública ao ressaltar fatos secundários como se fossem primários, distorcendo o entendimento do problema, e que os jornalistas tem uma responsabilidade na violência dos estádios quando promovem e alimentam a alienação através do esporte e do problema *hooligan*¹, apenas para ter audiência.

Já para Costa (2015), o tipo de abordagem dada a violência pelos meios de comunicação amplifica e aumenta uma atmosfera de medo em torno de alguns jogos, geralmente porque os mesmos atos que são condenados por jornalistas e comentaristas esportivos se transformam em espetáculos nas capas de jornais e telas de TV. Um dos exemplos citados pela autora será analisado neste trabalho. A briga ocorrida entre torcedores de Athletico Paranaense e Vasco da Gama em Joinville

¹ OXFORD, Dictionaries. **Um jovem violento e encenqueiro, tipicamente de uma gangue.** Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/hooligan>>. Acesso em 28 mai. 2019, tradução nossa.

foi narrada e exibida ao vivo durante o jogo, com closes dados pelas câmeras no momento em que um torcedor recebia chutes na cabeça. No dia seguinte, os jornais condenavam os torcedores reexibindo as imagens.

Lopes (2016) exemplifica a questão da abordagem da mídia pela ótica britânica. No final da década de 1950, em um período de crise moral que afetava os jovens da classe trabalhadora, a imprensa ampliou a cobertura das brigas entre torcedores. A partir da Copa do Mundo de 1966, que ocorreu no país, as brigas se fixaram como conteúdo recorrente na mídia. Neste período, os jornais chegavam a enviar jornalistas aos estádios apenas para cobrir os episódios nas arquibancadas, o que ampliou, significativamente, os registros de tumultos. Com aumento da cobertura, em sua maioria, sensacionalista, criou-se uma ideia de que ir ao estádio era uma atividade perigosa, atraindo mais torcedores violentos e estimulando o *hooliganismo*.

Um dos grandes exemplos da ambientação de violência criada pela mídia também se dá na Inglaterra. Buford (1992) disse que logo depois que saiu o sorteio da Copa do Mundo de 1990, e viram que a Inglaterra jogaria contra a Holanda, a mídia começou a criar uma atmosfera de guerra ao redor do jogo. O fato era a principal notícia entre os jornais. No dia seguinte já não era só um jogo, era o “temível” jogo. Dias anteriores à partida, a mídia começou a noticiar que o encontro dos torcedores seria um problema para o país, que teve de montar uma força tarefa para evitar confusões. Uma semana antes do encontro, havia dois mil torcedores ingleses em Cagliari, local da partida, e mais de dois mil jornalistas. No dia anterior, havia ao menos três jornalistas para cada torcedor, expedindo informes diretos para a Inglaterra sobre cada passo dos hooligans. A mídia até noticiou que certo dia os torcedores rivais se encontrariam em uma praça da cidade. Lendo isto, os britânicos saíram para conhecer os violentos holandeses e defender sua honra, mas sem encontrar ninguém, brigaram entre si.

Além disso, a mídia oferece – quando oferece – uma análise precária e segregada dos episódios de violência. Lopes (2016) diz que a distribuição e acesso a possibilidade de ter voz nos meios de comunicação não são iguais em todos os grupos sociais. Geralmente, torcedores organizados não são utilizados como fontes jornalísticas, enquanto autoridades públicas e policiais fornecem informações e emitem opiniões, o que se torna cada vez mais parcial e enfatiza somente os problemas dos torcedores, destacando as autoridades como as soluções. Costa

(2015) também discute a falta de ética dos jornalistas. Segundo a autora, o papel da mídia em casos como este é oferecer uma análise dos fenômenos a partir de uma perspectiva que viabilize o diálogo entre as duas partes.

1 METODOLOGIA

Busca-se responder algumas questões neste trabalho, como o papel da mídia na perpetuação dos atos de violência direta e estrutural; como os jornais tratam o torcedor, os adjetivos usados e a forma como são tratados; se toda a violência no estádio é responsabilidade do torcedor; o perfil e forma de pensar do torcedor; o que leva-o a agir desta maneira e como o mesmo reage na massa. Ainda temos a questão governamental como o que tem sido feito para frear os índices de violência; se a polícia nos estádios tem preparo específico para os casos de violência; como as fontes governamentais ouvidas pelos jornais tratam o torcedor, entre outras questões.

Para isso, se usará neste trabalho alguns elementos como a pesquisa bibliográfica; a análise argumentativa de Miltos Liakopoulos, presente no livro de Bauer e Gaskell (2015); além de análise técnica da notícia, de títulos, lead, e texto no geral, os vícios jornalísticos, e erros éticos; e os critérios de noticiabilidade presentes. Para isso, será avaliado três episódios envolvendo violência em estádios de futebol no Brasil, de acordo com matérias retiradas dos dois maiores jornais em circulação no país: a Folha de São Paulo (332 mil exemplares diários) e O Globo (319 mil exemplares), de acordo com matéria da própria Folha².

O levantamento das matérias foi feito de forma digital, através dos acervos online dos próprios veículos. Definiu-se também que o recorte temporal para análise será do material publicado no dia seguinte as confusões nos estádios (desde matérias até artigos de opinião), para ver como o jornalista atua quando tem que tomar decisões rápidas, e se está preparado para seguir os códigos de ética e atuar de maneira congruente em situações de grandes confusões como as analisadas.

O primeiro caso será a “batalha campal do Pacaembu”³, uma grande briga envolvendo torcedores do Palmeiras e do São Paulo – além de policiais militares de São Paulo – na final da Supercopa de Juniores, no dia 20 de agosto de 1995, que deixou 102 pessoas feridas e um morto. Este foi o primeiro grande caso de violência

² COM crescimento digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 abr. 2019, poder. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>>. Acesso em 11 out. 2019.

³ MOREIRA, Mário. DAMATO, Marcelo. Torcedores brigam em jogo de juniores e adiam estreia do Corinthians no Brasileiro. **Folha de São Paulo**, 21 ago. 1995, esporte. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/21/esporte/1.html>>. Acesso em 11 out. 2019.

envolvendo torcidas no país, e foi um divisor de águas na relação entre Estado, mídia e torcidas organizadas.

O segundo caso será a grande confusão envolvendo torcedores de Athletico Paranaense e Vasco da Gama⁴, na Arena Joinville, no dia 8 de dezembro de 2013. A briga se sucedeu após uma série de decisões erradas antes – e depois – da partida, desde os órgãos que cuidam do esporte, até da cobertura feita do ocorrido e da impunidade aos responsáveis. O saldo foi 5x1 para o Athletico, rebaixamento do Vasco e quatro feridos no que poderia ser uma tragédia ainda maior.

Por fim, uma confusão generalizada envolvendo brasileiros, argentinos, seguranças e policiais do Rio de Janeiro. Torcedores de Flamengo e Independiente fizeram de tudo na final da Copa Sul-Americana de 2017. No país vizinho, racismo dos anfitriões. Aqui, briga entre os torcedores, fogueirão na porta do hotel dos jogadores visitantes, invasão de flamenguistas sem ingressos ao Maracanã e diversos atos de vandalismo após a equipe rubro-negra perder um título inédito dentro de casa⁵.

De base teórica será utilizado o estudo de violência no futebol de Mauricio Murad (2017), principalmente os números e dados que o autor reuniu. Para falar sobre a apropriação e significação que a mídia faz do assunto, será pego um estudo de Édison Gastaldo (2004); e estudos dos pensadores Leda Costa (2015), Felipe Tavares Lopes (2012) e Carlos Alberto Pimenta (2000) serão utilizados para falar sobre o histórico das torcidas organizadas, entender um pouco da violência, além da responsabilidade da mídia, dirigentes dos clubes e governo. Para definir os que é critérios de noticiabilidade, usaremos textos de Nilson Lage (2002), Felipe Pena (2007), Jorge Pedro Sousa (2001) e Mauro Wolf (2002). Já a análise prática de texto e ética dos jornalistas será feito através de estudos de Lage (2002) e Carlos Alberto Nunes (2003).

Para conceituar o que é a violência, pegaremos estudos do sociólogo norueguês Johan Galtung (1985), nascido em 1930 e que possui uma obra extensa,

⁴ BRIGA interrompe Atlético-PR x Vasco e deixa 4 torcedores feridos; não há risco de morte. **Folha de São Paulo**, 8 dez. 2013. Esporte. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/12/1382694-briga-entre-torcidas-interrompe-a-partida-entre-vasco-e-atletico-pr.shtml>>. Acesso em 27 maio 2019.

⁵ NASCIMENTO, Rafael. Após final, tumultos são registrados durante saída de torcida no Maracanã. **O Globo**, 14 dez. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/apos-final-tumultos-sao-registrados-durante-saida-de-torcida-no-maracana-22189559>>. Acesso em 11 out. 2019.

sendo utilizado também para falar de noticiabilidade. Um dos trabalhos de maior destaque é *Violence, Peace and Peace Research*, publicado pela primeira vez em 1969. Segundo Lopes (2012), o texto gerou polêmica na época que foi lançado, mas até hoje é uma referências nas investigações e estudos sobre violência e paz. No trabalho de 1985, Galtung rompe com o senso comum de que a paz é ausência de guerra, levando em conta uma noção mais ampliada acerca da violência, que para o autor seria a causa da diferença entre o potencial e o efetivo, entre aquilo que poderia ter sido e aquilo que realmente é.

2 CONCEITOS

Antes de nos aprofundarmos ainda mais na pesquisa e na análise dos ocorridos, veremos algumas definições que ajudaram a entender melhor o trabalho.

2.1 FUTEBOL

Murad (2017) traz em seu livro dois trechos interessantes sobre a história do futebol. Primeiro, como ele chegou ao Brasil, sua difusão no país e como a violência já estava presente desde o início. O precursor foi Charles Miller, que voltara de seus estudos no Reino Unido com as regras e equipamentos esportivos em 1894. Mas ao contrário do que é hoje, de início, o esporte era apenas um lazer para a elite, um desporto amador, disputado por filhos de famílias ricas, todos brancos, cultos e elegantes.

O país se encontrava sob forte influência colonial e escravista, com o ar de dominação, opressão e exploração muito fortes ainda, afinal, a abolição do regime escravocrata ocorrera apenas seis anos antes, a proclamação da República há cinco anos e a primeira constituição há três. Murad afirma que por conta disso, as primeiras violências envolvendo o futebol já ocorriam naquela época: o elitismo, o racismo e a exclusão.

Porém, o futebol logo se espalhou para camadas mais pobres por ser um esporte simples, barato e de fácil entendimento. Nas ruas, praças mais pobres, várzea, periferias, o esporte jogado com os pés era um movimento espontâneo dos desfavorecidos. Murad diz que a população excluída de pobres, mestiços, analfabetos, corriam atrás da bola como forma de afirmação social, já que constataavam a possibilidade de serem bons em algo privativo às elites, o que não existia em quase nenhuma outra área da sociedade, além da música.

A partir da década de 1930, os clubes foram abrindo suas portas às classes mais pobres, deixando a elite enfurecida. Assim como a violência é um reflexo da sociedade no futebol, a crescente da camada mais pobre no esporte, também. Um reflexo das lutas sociais, políticas e culturais. E essa democratização do futebol, fruto de resistência e luta de camadas periféricas da sociedade, se consolidou nas décadas 1940 e 1950. Além de vencer essa luta, os setores populares trouxeram um jeito único

ao estilo brasileiro: a ginga, o drible, o improvisado que fez o país ser tão vitorioso na história.

Murad (2017) ainda vai além, e diz que o futebol é um exemplo de que a camada pobre da sociedade pode sim conquistar um poder social, e que, se oportunidades forem dadas a este setor, o país pode ir mais longe. O autor ainda resume o desporto como uma das poucas instituições brasileiras que permitem acesso razoavelmente democrático. Já em relação a torcedores, Murad chama a atenção ao fato de que, mesmo as pessoas mais simples e humildes, conseguiram se apropriar de saberes e informações do futebol, se organizar em torcidas, se afirmar e se nivelar em outros segmentos sociais, que discutem os assuntos relacionados em condições de igualdade com qualquer pessoa, em qualquer nível social, econômico e de escolaridade.

Murad (2017) também traz em seu estudo, um histórico deste esporte, que nasceu na Inglaterra burguesa, industrial, capitalista e imperialista, em 1863. Mas o trecho vai além desse período. O autor apresenta outras formas do “futebol”, jogos considerados ancestrais do que conhecemos hoje, do qual se chutavam bolas ou qualquer outro objeto esférico, não com as regras atuais, mas que já demonstrava violência.

Na Ásia, temos indícios de duas práticas. Primeiro, o *Tsu Tsu* ou *tsu-chu* (chutar bola), praticado na China em 206 a.C., aproximadamente. Mas a prática não era desportiva, e sim, um ritual de guerra, afinal, após os combates, a tribo vencedora jogava com a cabeça de sete guerreiros derrotados: o chefe e os seis melhores homens. Murad revela que não se sabe ao certo o porquê de sete cabeças, mas a hipótese mais aceita é a de que o número tem um caráter enigmático, relacionado a magia, em muitas culturas orientais.

O ritual servia para fertilização da terra. Acreditava-se que o sangue e o esfacelamento de cabeças chutadas melhorariam a qualidade do alimento, e que os vitoriosos seriam beneficiados por tudo de bom que estivesse na cabeça dos guerreiros, que os vencedores incorporariam as qualidades dos derrotados. A cerimônia ainda possuía algo simbólico e poético para o futebol, a de que os pés são a base que sustenta o corpo e, conseqüentemente, a cabeça, onde estão as melhores qualidades humanas.

Já no Japão, por volta de 600 d.C, se praticava outro tipo de futebol, o *Kemari* (keru = chutar, maru = redondo/bola). O *Kemari* é um cerimonial pedagógico e com qualidade estética, uma celebração de autoconhecimento, autocontrole e meditação, que serve como preparatório para a disciplina e concentração, praticado até hoje. Traduzindo para o nosso futebol, o *Kemari* seria um exemplo de roda com embaixadinhas, mas sob o maior silêncio possível, com extrema delicadeza, plasticidade e elegância; com marcação de ritmo feita por melodias do folclore japonês, que ao fundo, suavemente, ambientam o jogo. Ao contrário do *Tsu Tsu*, o *Kemari* é uma arte delicada.

Nas Américas, outras duas se destacam. Por volta de 1500 a.C., nas Américas do Norte e Central, era praticado o *Tlachtli*, semelhante ao *Tsu Tsu*, em que decapitavam a cabeça da equipe derrotada. Acreditava-se que que o sangue daria um caráter divino a terra. Ou seja, o sagrado controlaria os excessos de emoções humanas, trazendo paz para os povos.

Já os povos indígenas da América do Sul, por volta de 1000 a.C., disputavam o *Matanaaríti*. Assim como nosso futebol, as mãos eram proibidas, mas o jogo era basicamente disputado em cabeceios. A bola era feita de borracha de mangaba (fruto nativo no norte e nordeste brasileiro, Paraguai e Peru) revestida de madeira de caucho, árvore nativa da floresta amazônica. O jogo possuía um caráter educacional, já que a regra principal era o respeito ao adversário e ao jogo. Por exemplo, não se podia xingar os adversários, companheiros ou plateia.

Na Europa, três modalidades podem ser consideradas ancestrais ao futebol. Na Grécia do século IV a.C., era disputado o *Epyskiros*, que chegou a ser modalidade das antigas olimpíadas, disputado com equipes de 12 a 14 jogadores, que podia usar a mão, com o objetivo de ir jogando entre sua equipe até chegar a uma linha demarcada na extremidade do campo. O *Epyskiros* era disputado apenas pela elite grega.

Na Itália, dois jogos se destacam. Na Roma do século I a.C., jogava-se o *Harpastum*, disputado com equipes de 5 a 12 jogadores, com uma bola menor, semelhante à de beisebol, também podendo utilizar as mãos, com o objetivo de manter a posse dentro do seu próprio campo. O *Harpastum* também era jogado pela elite Romana e junto com o *Epyskiros* tinham um caráter mais elegante, mas poderia se tornar um jogo muito violento.

O outro jogo italiano é considerado o principal antecessor do futebol, o *Calcio* (que significa chute ou coice) teve a primeira aparição no século XIV, jogado na superfície congelada do rio Arno, em Florença. O gelo exigia muita habilidade corporal e equilíbrio, e os atletas apresentavam elegância em seus movimentos, além da necessidade de mesclarem técnica e força. Posteriormente, passou a ser jogado em praças públicas, o que popularizou de vez o esporte.

O *gioco del calcio* consistia em duas equipes de 27 jogadores que tinham o objetivo de levar a bola (com pés e mãos) até dois postes que ficavam na extremidade dos campos. O jogo era muito conhecido por conta de sua violência, dentro e fora de campo. A partir do século XVII, já mais popular e ainda mais agressivo, o *calcio* foi exportado para Inglaterra e França. Até hoje os italianos chamam o futebol de *calcio* ou *gioco del calcio*, e a elite do campeonato italiano pode ser chamado de Liga Calcio A.

Portanto, Murad afirma que convenciamos a ideia de que o futebol foi criado em 26 de outubro de 1863, quando as regras foram unificadas, em Londres. Mas no contexto prático, neste dia se criou regras únicas, o que serviu para popularizar o esporte pelo mundo todo. Segundo o autor, o futebol nasceu como consequência do processo civilizacional, sendo levado para todos os lugares. Mas a prática de jogar bola com os pés já era feita muito tempo atrás.

Para Roberto da Matta (1982), o futebol no Brasil é uma espécie de “drama da vida social”, onde se colocam em cena questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira, assim como em outros momentos igualmente ritualizados, como o carnaval e as chamadas “religiões afro-brasileiras”. Já segundo Gastaldo (2004), o futebol é um fenômeno cultural que supera largamente as estritas linhas do campo de jogo, ritualizando questões simbólicas profundas acerca da nossa sociedade, tematizadas em estudos acadêmicos nos mais diferentes aspectos. Segundo Rinaldi (2000), o futebol expressa a realidade, pois o jogo está na sociedade, assim como a sociedade está no jogo. Ambos se expressam mutuamente, seja nas transgressões das regras, ordem e desordem, alegria e tristeza, brigas etc. O futebol tem, para o autor, uma riqueza simbólica capaz de expressar a sociedade brasileira.

Além de explicar o que é o futebol e trazer um histórico, Murad (2017) tem várias definições sobre o esporte em seu livro. Em uma, afirma que o futebol é o esporte mais popular no planeta, e diz que vários fatores ajudam a entender isso. O

futebol é a modalidade esportiva mais espontânea, pode ser jogado em qualquer lugar; imprevisível, porque é jogado com os pés; mais simples e barata, não exige muitos equipamentos esportivos; além de estável, suas regras são universais, existem há muito tempo e quase nunca mudam; e democrática, qualquer um, com qualquer tipo de físico, cor de pele, classe social, cultura, gênero ou opção pode jogar, e bem.

O autor ainda traz uma frase do escritor peruano e prêmio Nobel de Literatura em 2010, Mario Vargas Llosa, que diz “o futebol é o ideal de uma sociedade perfeita: poucas regras, claras, simples, que garantem a liberdade e a igualdade dentro do campo, como garantia do espaço para a competência individual.” Murad também enfatiza que futebol é paixão, e paixão acentua as coisas, deixando quase tudo a flor da pele. Além disso, diz que o esporte é a maior paixão coletiva, uma verdadeira “cultura das multidões”. E que tem a capacidade de representação social, sendo um conjunto de retrato da sociedade brasileira.

2.2 TORCIDAS E TORCIDAS ORGANIZADAS

Murad (2017) nos traz a origem da palavra torcedor, que na verdade vem de torcedora. No início do século XX, as mulheres que queriam se casar iam ao estádio e tinham o costume de torcer seus lenços para seus jogadores preferidos e pensando neles como futuros maridos. Então, em uma crônica, o escritor e dirigente do Fluminense, Coelho Neto, criou o termo torcedora, que posteriormente seria estendido aos homens. “Todos que torcem, contorcem o corpo e distorcem tudo”. Já na Argentina (e em outros países de língua espanhola), a torcida é chamada de *hinchada*, que vem de *hincha*, ou seja, inchar. Torcer é ficar inchado, como se estivesse doente ou alterado, algo fora do comum, que descontrola o corpo.

De acordo com Toledo (1996), ser torcedor é um importante papel social e a partir dele podemos pensar a sociedade. Já para Gastaldo (2004), os clubes de futebol simbolizam um processo de pertencimento social demandando dos torcedores uma lealdade para a vida toda. O autor cita o exemplo do hino do Flamengo (“Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...”), além das vezes em que os narradores se referem as torcidas de um clube como nação, ressaltando a ideia de um sentimento coletivo.

Já em uma entrevista que Bill Buford fez para o seu livro (1992), o líder de uma torcida organizada do Manchester United comparou o sentimento de

torcer com a religião. “Nós esperamos ansiosamente pelos sábados”, contou ele, “a semana inteira. É a coisa mais importante das nossas vidas. É uma religião, na verdade. É essa a importância que tem. O sábado é nosso dia de culto.”

E como dito anteriormente, na década de 1940 foram criadas no Brasil as torcidas uniformizadas, formadas por sócios dos clubes vindos da classe média, e que tinham o papel de regular e manter a ordem nos espetáculos esportivos. Essas torcidas tinham ideais bem definidos com motivações ideológicas da época, alicerçadas em ideias de raça, ordem, nação e juventude. Ou seja, essas primeiras organizações possuíam grandes aspirações nacionalistas, e tinham apoio da elite, que ocupavam cargos no esporte, mídia e Estado. (TOLEDO, 1999)

Segundo Costa (2015), no início da década de 1970, outro modelo de torcedor surge no futebol. As torcidas organizadas, que diferente das uniformizadas, eram formadas não só pela elite, mas por diversos estratos sociais, o que gerava uma grande complexidade em sua estruturação. O contexto social também era diferente das uniformizadas, já que surgiram em um período de ditadura militar. Ou seja, eram mais populares, com pautas sociais definidas, mas correndo riscos com a ditadura.

Mas foi só a partir do final dos anos de 1980 que a violência começou a ser associada com as organizadas, com uma série de episódios envolvendo esses torcedores. A principal foi a morte de Cleofas Sóstenes Dantas da Silva, então presidente da Mancha Verde (torcida organizada do Palmeiras), assassinado a tiros na frente da sede da torcida. Esse fato deu início a onda de violência envolvendo torcedores.

Pimenta (2000) também data o surgimento das torcidas organizadas no fim da década de 1960 e começo de 1970, e acrescenta o fato de o Brasil caminhar a passos largos na busca pelo desenvolvimento econômico, e com a cidade de São Paulo avançando no processo de aceleração urbana, mas, sem articulação e compromisso com as bases sociais.

Murad (2017) também apresenta dados referentes às torcidas organizadas e ao perfil do torcedor organizado. Há, no Brasil, 107 torcidas organizadas associadas a Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg), mas o autor afirma que, acredita-se ter até 700 torcidas no país, com mais de dois milhões de torcedores organizados. Desses, apenas 5% são vândalos. Os dados são de pesquisa encerrada em 2016.

O sociólogo mostra em seus estudos o perfil do torcedor brasileiro e de outras nacionalidades. Iremos comparar com Argentina, nosso grande rival no futebol e que também possui histórico violento, e a Inglaterra, considerado um dos berços do *hooliganismo*. No Brasil, os torcedores violentos variam entre 15 e 24 anos, na média; na Inglaterra, de 16 a 28 anos e na Argentina, de 15 a 26. No Brasil, 71% dos torcedores violentos estão desempregados, a média da Argentina se assemelha ao Brasil, enquanto na Inglaterra, o dado chega a 40%. Os torcedores dos três países não vêm apenas das classes mais baixas da sociedade, e sim de todos os níveis de renda e escolar. Por fim, entre os torcedores violentos, no Brasil, 15% são mulheres, na Inglaterra, 20% e na Argentina, apenas 7%.

2.3 VIOLÊNCIA

Como dito anteriormente, usaremos a definição de violência do autor Johan Galtung, de acordo com trechos pegos para o estudo de Lopes (2012). O autor introduz a análise de Galtung destacando que o norueguês foi um dos pioneiros a romper a tradição de que paz é ausência de guerra. Para ele, violência é a causa da diferença entre o potencial e o efetivo, aquilo que poderia ter sido e aquilo que realmente é. Um ato de violência, portanto, é aquilo que aumenta a distância entre o potencial e o efetivo, ou o que cria obstáculo para a diminuição dessa distância.

De modo análogo, se hoje ocorre uma catástrofe natural, que não era possível prever, as mortes consequentes dessa catástrofe não podem ser compreendidas como uma violência. Agora, se essa catástrofe ocorrer num futuro, quando ela já for evitável, aí essas mortes poderão ser interpretadas como o resultado de uma violência. “Em outras palavras: quando o potencial é maior que o efetivo e ele for evitável, existe violência.” (GALTUNG, 1985, p. 31, apud LOPES, 2012, p.23)

Ou seja, quando o efetivo é inevitável, não existe violência, mesmo que esteja situado em um nível muito baixo. Por exemplo, a expectativa de vida de 30 anos, no período neolítico, não era violência, mas se a expectativa de vida de 30 anos for atualmente, com potencial para ser maior, e sendo evitável, é violência. Galtung também afirma que o nível potencial só é possível com alguns conhecimentos e recursos, e se esses conhecimentos e recursos estão monopolizados por algum grupo ou classe, e são utilizados para propósitos específicos, o nível efetivo cai para abaixo do potencial, e há violência do sistema.

Lopes destacou essa parte para se referir a violência estrutural no futebol, ou seja, a violência que não se limita a agressão física. Portanto, quando se foca apenas em brigas físicas para se discutir violência no futebol, naturaliza-se outros tipos como homofobia, racismo, a psicológica, entre outras, que são tratadas como apenas uma brincadeira nos estádios.

Evidentemente, esta busca encarniçada dos jornalistas pela audiência possui alguns efeitos: em primeiro lugar, acaba-se passando por cima daqueles problemas cotidianos que não possuem tanto apelo, condenando-lhes à invisibilidade social. Por exemplo: no cenário futebolístico, o preço (abusivo) dos ingressos e os horários (tardios) de algumas partidas do meio de semana raramente ganham as páginas dos jornais. Por outro lado, brigas nas arquibancadas, ainda que sem grandes consequências, costumam ter ampla repercussão midiática. Conforme já antecipamos, a violência pessoal costuma ter mais destaque do que a estrutural. [...] Diante disto, acreditamos que um jornalismo orientado para a paz cultural não pode deixar de abordar esses outros conflitos e seus efeitos “invisíveis” – tais como a exclusão social. (LOPES, 2016, p.12)

Lopes (2012) define a violência estrutural como a violência que não é pessoal, ou seja, que não é cometido diretamente por uma pessoa ou grupo de pessoas. Galtung define como “a violência edificada dentro da estrutura, que se manifesta como um poder desigual, e como oportunidades de vida distintas”. Portanto, assim como a violência pessoal, a estrutural pode ser física ou não física, mas não possui uma relação clara de “sujeito-ação-objeto”. A violência estrutural está na própria estrutura.

Galtung diz que se a expectativa de vida de classes superiores é o dobro das inferiores, há violência. A violência pessoal é mais visível, enquanto a estrutural costuma ser silenciosa, naturalizada. O autor ainda deixa claro que não existe uma dependência entre as violências. Uma sociedade pode ser estruturalmente violenta sem ameaça de violência pessoal.

Trazendo o exemplo para o futebol, Lopes (2012) afirma que a crescente elitização do futebol, principalmente, com aumento abusivo do preço dos ingressos, tratado como uma fórmula de acabar com a violência física, pode até gerar alguns resultados, ainda assim discutíveis, porém, não deve ser considerada uma medida apaziguadora, já que exclui uma grande parte da população brasileira dos estádios, reduzindo as possibilidades de lazer de classes menos favorecidas. E foi

justamente isso que ocorreu na Inglaterra, como medida apaziguadora de um grande caso de violência estrutural, onde o torcedor serviu como estopim.

No dia 15 de abril de 1989 ocorreu o maior caso de violência estrutural da história do futebol. Apenas quatro anos depois da tragédia de Heysel, onde torcedores do Liverpool e da Juventus se enfrentaram na cidade Belga, deixando 39 mortos; o mesmo Liverpool enfrentara o Nottingham Forest pela semifinal da Copa da Inglaterra. A partida foi disputada em campo neutro, no estádio Hillsborough, na cidade de Sheffield. O palco da partida contava com diversos problemas de estrutura, mesmo com obras realizadas no ano anterior.

A torcida do Liverpool, em número muito maior, foi destinada a um setor menor e com poucas saídas, enquanto o adversário a um setor maior e com várias saídas. Os torcedores do Liverpool esgotaram rapidamente os ingressos, e cerca de cinco mil ficaram irados do lado de fora. Algumas com ingressos não conseguiram acesso por conta da confusão dos torcedores sem entradas e a segurança abriu uma das saídas para evitar brigas. Como o estádio não tinha estrutura suficiente para ter catracas para todo o contingente de pessoas e o policiamento era baixo, todos os torcedores sem ingressos também entraram. O setor que cabia 15 mil pessoas, passou a ter 20 mil. Apenas cinco minutos após o início, a partida teve de ser suspensa, mas o estrago já estava feito.

Quem estava próximo ao gramado, foi esmagado no alambrado pelos torcedores de cima, que empurravam para entrar. Alguns conseguiram escapar por um portão, uns pularam o alambrado e outros só saíram quando o muro cedeu. Ao todo foram 96 mortes e mais de 700 ficaram feridos. A polícia transferiu a responsabilidade para aqueles sem ingressos que forçaram a entrada. Já o jornal "The Sun" divulgou uma reportagem com a manchete "A verdade", também atribuindo a culpa aos torcedores de Liverpool, além de alegarem que muitos deles roubaram os mortos, urinaram nos policiais e bateram nos médicos, o que nunca foi comprovado. Por anos, esse cenário se manteve, com parte da mídia e polícia atribuindo a culpa somente aos torcedores.

Figura 1 – Capa do The Sun



Fonte: Portal Premier League Brasil (2018)

Em 2012, o Supremo Tribunal de Londres anulou os vereditos de morte accidental e ordenou nova investigação, já que um grupo de familiares das vítimas coletou provas de forma independente e reacendeu o caso. Apenas em 2016, 27 anos da tragédia, um júri em um tribunal de Warrington, - cidade do norte da Inglaterra a 31 quilômetros de Liverpool – chegou a conclusão de que as mortes em Sheffield só ocorreram por negligência policial antes e durante a partida⁶. Além disso, afirmaram que os torcedores não influenciaram na tragédia.

O desastre foi o estopim para mudanças drásticas no futebol inglês. Motivado pelo ambiente *hooligan* e a culpabilidade atrelada aos torcedores na época, foi criado um documento chamado Relatório Taylor, proposto pelo juiz Peter Taylor durante o governo de Margaret Thatcher. O protocolo tinha 43 recomendações, e

⁶ GUIMÓN, Pablo. A tragédia de Hillsborough foi homicídio, não acidente. **El País**, Londres, 26 abr. 2016, esportes. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/26/deportes/1461666410_746494.html>. Acesso em 11 out. 2019.

decretava, dentre elas, o fim das grades que separam a arquibancada dos gramados, a colocação de cadeiras em todo o estádio – não poderia mais se assistir as partidas de pé – o treinamento especializado e planejamento de policiais, melhorias no monitoramento dos estádios, responsabilidades do clube dono do estádio etc. Com isso, a maioria dos estádios passaram por reforças e alguns chegaram a ser demolidos e reconstruídos para as adequações. Houve uma elitização do futebol, com camadas mais pobres deixando de ir ao estádio, e ambientes cada vez mais frios, já que os torcedores não podiam ficar de pé ou fazer muita festa. Mudou completamente a cultura do torcedor britânico.

De acordo com o texto de Galtung, a violência estrutural é feita de forma invisível e sem necessariamente ter violência física. No caso de Hillsborough, ela ocorreu antes, durante e depois. Primeiro que, caracteriza-se violência tudo aquilo em que o efetivo é menor que o potencial. O estádio e o setor onde ficaram os torcedores do Liverpool não tinha potencial para receber aquele contingente de pessoas, estrutura abaixo do que exige uma partida deste tamanho. A polícia liberou acesso para além do limite só para evitar brigas. Polícia e equipe médica demoraram para resolver o problema. De acordo com documentos revelados pelo jornal britânico *The Telegraph*, 41 das 96 vítimas poderiam ter sido salvas se o serviço de emergência fosse melhor⁷. Por anos, mídia e força policial culpavam os torcedores. E posteriormente foi criado um protocolo para elitização do futebol inglês, afastando o torcedor do estádio com preços mais caros e mudando sua cultura para tapar um buraco que era de sua responsabilidade evitar, a violência. De acordo com Galtung, este é um exemplo claro de violência estrutural, ela é física e não-física, uma violência invisível, em que todos os passos poderiam ter sido feitos de maneira melhor, mas acabou em uma tragédia com reflexos até os dias de hoje.

Já Bill Buford (1992) resume em palavras a experiência que teve ambientado na violência entre torcidas.

A violência representa uma das experiências vividas com mais intensidade e, para aqueles capazes de se entregar a ela, um dos mais intensos prazeres. Ali, naquelas ruas de Fulham, senti, à medida que o grupo transpunha seu metafórico penhasco, que me tornara literalmente

⁷ BECKFORD, Martin. Hillsborough report: 41 of 96 victims could have lived. **The Telegraph**, Liverpool, 12 set. 2012, News. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/liverpool/9539293/Hillsborough-report-41-of-96-victims-could-have-lived.html>>. Acesso em 11 out. 2019.

desprovido de peso. Eu abandonara a gravidade, era muito mais poderoso do que ela. Senti-me pairando por sobre mim mesmo, capaz de atinar com tudo em câmera lenta e com absoluta riqueza de detalhes. Percebi, mais tarde, que estava como que drogado, num estado de euforia movido a adrenalina. E, pela primeira vez, sou capaz de compreender as palavras que descrevem essa vivência. Que a violência de massa era a sua droga. (BUFORD, 1992, p.188)

Em outros momentos do livro, Buford volta a ressaltar o prazer que teve com a injeção de adrenalina envolvida em um momento de violência de massa, e ainda comparou essa injeção de hormônios com o uso de drogas sintéticas, porém, ainda mais forte, já que era o corpo que estava produzindo isso, e resumiu a violência como o uso excessivo de drogas ou bebidas que as gerações anteriores tiveram, ou seja, nada mais é do que a alteração de consciência como pontapé antissocial.

2.4 VIOLÊNCIA NO ESTÁDIO

Bill Buford (1992) classifica a violência no estádio como uma válvula de escape para frustrações de natureza profunda, afinal, muitos jovens estavam desempregados ou jamais haviam conseguido uma boa colocação social. Assim, garante que a violência era uma espécie de rebelião social e/ou de classe.

Já Lopes (2016) nos apresenta alguns exemplos da violência estrutural nos estádios. Primeiro, o autor cita um estudo de Marcelo Fadori Soares Palhares (2014), da qual traz um pouco do lado do torcedor organizado, e do que sente quanto ao que vivencia no estádio. As principais reclamações foram em relação à política supramencionada. Os termos mais utilizados foram “abuso”, “exploração” e “falta de respeito” quanto ao alto preço dos ingressos cobrados nas principais praças esportivas do país. E acrescentaram que o valor das entradas afasta muitas pessoas do estádio, deixando a atmosfera mais fria, sem vida.

No mesmo texto, Lopes cita um dos exemplos de violência estrutural mais comum nos estádios: o preconceito contra homossexuais. O autor enfatiza que muitos jogadores sequer assumem serem homossexuais por medo da reação de colegas e torcida. Mais à frente, afirma que raramente esse preconceito é representado como algo legítimo, afinal, uma minoria de torcedores declararia ser abertamente contra uma pessoa pelo fato de ser homossexual. No entanto, cita que a realidade nos estádios é diferente, já que o preconceito está enraizado na cultura e

que o senso comum garante que as provocações não são nada mais do que brincadeiras, ou simples piadas.

Pimenta (2000) afirma que a violência entre “torcidas organizadas” nos estádios, ou fora dele, não pode ser desarticulada de aspectos políticos, econômicos e socioculturais vivenciados nas relações individuais e em sociedade no Brasil. Ou seja, o estilo de vida do jovem não pode ser dissociado de desdobramentos por problemas político-sociais da sociedade. A violência nos estádios reflete o que ocorre na sociedade, afinal, o jovem das organizadas não se restringe apenas ao universo do futebol.

O autor ainda foi além, e afirmou que esse conflito social e econômico marcou o surgimento de grandes centros urbanos, onde prevalece o interesse pelo capital. Esse processo influenciou na identidade social do jovem, que passou a se expressar com negação pelo outro, com disputa e violência prazerosa entre grupos rivais. Ou seja, a partir desse momento, passa a se tornar cada vez mais comum jovens com esvaziamento da noção do coletivo em suas formações. São cada vez mais comuns “sujeitos” sem consciência social e coletiva, de acordo com Pimenta.

Em seu artigo, Pimenta (2000) trouxe a opinião de presidentes de torcidas organizadas de São Paulo na época, como forma de entender melhor o que os próprios torcedores pensam acerca do aumento da violência, e dois fatores foram citados: a influência da mídia e os ingredientes do próprio “jogo”.

Para Paulo Serdan (presidente da Mancha Verde na época), “a imprensa cria fatos que não existiram, mas a gente já está acostumado com isso. O lance é que o jornal tem que vender. Se as torcidas organizadas cresceram muito, a imprensa ajudou muito também, porque essa molecada de hoje em dia, de 13, 14, 15 anos, não tem um ideal, nem um ideal político, nada” (sic). (PIMENTA, 2000, p.125)

Jamelão, ex-presidente dos “Gaviões da Fiel”, acredita que “a imprensa tem que chegar junto com a gente, porque todo aquele que for associado que está na faixa de 15 a 17 anos, vendo uma matéria no jornal: ‘são-paulino toca bomba no corintiano’, isso automaticamente fica na memória dele no próximo jogo, ele vai fazer bomba para atacar o são-paulino. A imprensa ao invés de colaborar e querer saber quais os pontos para ter uma solução, eles preferem vender a imagem, vender o jornal”. (PIMENTA, 2000, p.125)

O “torcedor”, no modelo “organizado”, não é mais um mero espectador do “jogo”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. No grupo ele expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que

o acolhe. Paulo Serdan entende que o fascínio se dá, pois, “essa juventude de hoje em dia não tem alguma coisa para se espelhar e se inspirar. Eles não têm no que se apoiar. Qual o único segmento hoje em dia que expõe as suas vontades e os seus desejos, mesmo que seja em relação ao futebol? É a ‘torcida organizada’”. (PIMENTA, 2000, p.125)

E a violência é a principal queixa do torcedor para o baixo público nos estádios brasileiros. Segunda uma pesquisa do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj) em 2009, e atualizada pelo Programa de Mestrado da Universo, do Rio de Janeiro, em 2016, divulgada por Murad (2017), mostrou que para mais de dois terços (69,5%) dos torcedores, a violência física é a principal causa do afastamento do público dos estádios, seguida por preço de ingressos e alimentação, transporte, horário e falta de conforto nos estádios.

Entretanto, o autor divulga que quase 90% dos conflitos entre torcedores brasileiros ocorrem fora das praças esportivas, locais distantes e dias diferentes. Para Murad, o aumento do preço dos ingressos e a torcida única não se justifica como forma de apaziguar o ambiente nos estádios de futebol. O sociólogo também nos trouxe os dados sobre as mortes comprovadas com relação ao futebol, de 2012 a 2016, no Brasil.

Em 2012, foram 23 os óbitos comprovados, mais do que o dobro do ano anterior, ou seja, um aumento acima de 100%. Em 2013, 30 mortes, um aumento de quase 30%. Em 2014, 20 assassinatos, e mais 2 em processo de investigação policial. Em 2015, 16 homicídios e mais 1 com o processo por concluir e em 2016 foram contabilizados 13 óbitos comprovados e 4 ainda em investigação. Na soma global, chegamos a 176 mortos entre 1999 e dezembro de 2016, um recorde mundial — média de mais de 10 por ano. Houve uma queda significativa de 33% (1/3) das mortes de 2013, 30, para 2014 (ano da Copa do Mundo no Brasil), 20, mas, em contrapartida, houve um maior horror na letalidade, como a morte do torcedor no Estádio do Arruda, em Recife (PE), atingido por um vaso sanitário jogado de mais de três metros de altura, e uma morte na Rodovia Anchieta, em São Paulo, por atropelamento, tudo indica intencional e planejado. Uma das mais graves conclusões da pesquisa, no entanto, é que 68,8% (já foi mais, perto de 80%) das mortes são de torcedores sem vinculação orgânica com os responsáveis diretos por atos e comportamentos transgressores, delinquentes. (p.65)

Isto posto, reiteramos a percepção dos teóricos e sociólogos com os argumentos a serem ponderados a partir dos critérios de noticiabilidade. Se os dados mostrados acima reforçam que quase 70% das mortes de torcedores não têm relação

direta com as torcidas organizadas, o que leva a imprensa a destacar tanto a relação entre violência e estes grupos? Para entender isso, abordaremos a seguir o conceito de valor-notícia e as condições apontadas por teóricos do tema para que o fato social seja considerado informação jornalística a ser produzida e divulgada na imprensa.

3 VALOR-NOTÍCIA E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Além da explicação de toda a temática que envolve o tema abordado no trabalho, será debatido neste capítulo uma questão ouvida com frequência nas discussões acerca dos episódios que envolvem violência no estádio, e que, por fim, ajudará na análise das notícias. Afinal, a mídia deve ou não divulgar casos de violência nos ambientes esportivos? E a violência é um valor-notícia?

Primeiro devemos entender o que de fato é notícia. Felipe Pena (2007) traz um trecho do autor Luiz Amaral que diz que a notícia é a matéria-prima do jornalismo, e ainda cita um trecho da revista americana *Collier's Weekley* que define notícia como “tudo que o público necessita saber, tudo que o público deseja falar”, e que a notícia é “a inteligência exata e oportuna dos acontecimentos, descobertas, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores”.

Já Nilson Lage (2003) diz que uma notícia deve ter quatro características essenciais. Primeiro, ela deve se tratar de um fato, acontecimento que contenha elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, com caráter de proximidade e identificação para que se torne relevante. Segundo, a notícia não pode depender do que o autor classifica como intenção do jornalista. Terceiro, a notícia deve ser breve, pouco durável e presa a emergência do evento que a gerou. E por fim, a notícia é da emergência de um fato novo, uma descoberta ou revelação.

Mas Mauro Wolf (2002) afirma que nossa sociedade, a fonte das notícias, está cheia de informações, e que é preciso selecionar o que tem caráter noticioso ou não, afinal, o objetivo de qualquer órgão de informação é fornecer relatos desses acontecimentos, mas que seja de forma significativa e interessante. Para o autor, inicialmente, deve-se identificar que o acontecimento é um acontecimento, e não uma casual sucessão de coisas. Além disso, os meios de informação devem, segundo Wolf, reduzir todos os fenômenos a classificações elaboradas previamente, assim como os hospitais “reduzem” seus pacientes a um conjunto de sintomas e doenças. O autor ainda diz que para se produzir notícia, o meio tem que cumprir três obrigações:

1. Devem tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável.
2. Devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada

fato ocorrido a um tratamento idiossincrásico. 3. Devem organizar, temporal e espacialmente o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada. Estas obrigações estão relacionadas entre si (Tuchman, 1977, 45 apud. WOLF, 2002, P.188-189)

Pena (2007) define a noticiabilidade como um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre vários fatos, uma pequena quantidade de notícias. A noticiabilidade é negociada por repórteres, editores, diretores e outros envolvidos na produção dentro da redação, com aplicação baseada em valores-notícias, os tais critérios.

Jorge Pedro Sousa (2001) diz que por mais que a mídia se modifique e surja novos assuntos e novos meios de se fazer jornalismo, as principais tarefas de um jornalista ainda estão relacionadas com suas funções mais tradicionais: selecionar e hierarquizar os acontecimentos que podem se tornar notícia. Para o autor, a seleção de notícias é a pedra angular de todo o processo de um jornal, para que o mesmo não se torne um amontoado de informações sem critério.

Mas por uma questão de restrições ligadas a organização do trabalho, Mauro Wolf (2002) diz que os meios criam algumas convenções profissionais para que se determine o que é notícia, como ela deve ser feita, quais fontes devem ser selecionadas, quais equipamentos poderão ser utilizados para a produção da matéria e quais acontecimentos devem ser transformados em notícia. Há, portanto, um conjunto de critérios, de acordo com a relevância, que define a noticiabilidade de um acontecimento, ou a sua aptidão para virar notícia.

Wolf (2002) ainda destaca que os critérios devem ser definidos de acordo com o conjunto de requisitos que se exige dos acontecimentos, sem esquecer da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo do jornalista. Tudo que está além do alcance técnico de jornal e jornalista deve ser excluído por não ser adequado a rotina profissional e produtiva. Ou seja, um acontecimento, portanto, só se torna notícia se é pertinente ao jornalista e não causará alterações e subversões no ciclo produtivo do meio informativo, caso o fato não seja excepcional. Neste caso, cabe ao meio julgar se há como flexibilizar os procedimentos.

Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os

órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2002, P.190)

O pensador italiano diz que os critérios de noticiabilidade devem ser precisos e responder a seguinte pergunta: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 2002, p.195). E complementa dizendo que esses critérios são apenas uma simples lista. Os valores funcionam de forma complementar um com o outro, no que ele se referiu como pacotes, em diferentes relações e combinações que se estabelecem do valor-notícia para a seleção do fato em si. Além disso, o valor-notícia deve operar não só na seleção do fato, e sim em todo o processo de produção e apresentação da notícia, funcionando também como guia para ver o que deve ser realçado, omitido e prioritário da divulgação da notícia.

Além disso, para Wolf (2002), a seleção de notícias deve ser um processo de decisão e escolha feitos de maneira rápida. Os critérios utilizados não podem exigir grande reflexão, evitando grandes incertezas sobre ter ou não feito a escolha certa. Além disso, os critérios devem ser flexíveis, se adaptando a variedade de acontecimentos disponíveis, sendo relacionáveis e comparáveis já que uma notícia depende de outras. Os critérios devem ser facilmente racionalizados para que se houver a necessidade de substituição da notícia, haja um motivo aceitável. Ou seja, os critérios devem ser orientados para a eficiência e garantia necessária para o reabastecimento de notícias com o menor desperdício de tempo, esforço e dinheiro.

Mas antes de falarmos especificamente dos critérios desses autores, Jorge Pedro Sousa (2001) traz em seu texto um histórico das pesquisas sobre noticiabilidade. Os pioneiros no estudo desses critérios foram os autores Galtung e Ruge (1965). Os autores definiram alguns critérios dos quais já existia na época: proximidade geográfica, afetiva e cultural; a significância do acontecimento, ou seja, quanto mais pessoas envolvidas e maior a dimensão, maior a chance de virar notícia; a importância social das pessoas ou nações envolvidas; a consonância do fato, ou seja, quanto mais agendável for, e melhor se adaptar ao meio de comunicação, maior a chance de virar notícia; mas por outro lado, a imprevisibilidade, ou quanto mais surpreendente for um acontecimento, a chance de se tornar notícia também é grande; a continuidade, ou o desenvolvimento de acontecimentos já noticiados; a composição,

quanto mais o acontecimento se enquadrar de forma equilibrada em um noticiário, maior a chance de se tornar notícia; e por fim, a negatividade, quanto mais um acontecimento se apresenta de forma negativa, maior a chance de ser notícia.

Sousa (2001) diz que após o estudo de Galtung e Ruge, os autores que se dedicaram a estudar sobre o tema apresentaram os critérios em forma de lista. A grande maioria com fatores como oportunidade, proximidade, atualidade, interesse do público, importância, impacto, consequência, repercussões, conflito, controvérsia, negatividade, frequência, dramatização, crise, desvio, sensacionalismo, emoção, importância das pessoas envolvidas, novidade, excentricidade e singularidade. Na sequência do seu texto, Sousa enfatiza alguns pontos que outros autores acharam mais importantes em suas pesquisas.

O autor português começa com um texto de Garbarino (1982), no qual o pensador diz que um dos caracteres mais importantes na noticiabilidade é a aproximação da organização do trabalho, principalmente na divisão geográfica e temática das notícias, com as convenções profissionais para que se tornem elementos contributivos na definição do que é notícia. Para ele, esses elementos próximos ajudariam desde a seleção das fontes aos acontecimentos até ao modo de se fazer a notícia, precavendo jornalistas e meios das críticas do público.

Já o holandês Teun A. Van Dijk (1990) destaca que existem valores jornalísticos formulados em termos econômicos, no lucro e vendas dos meios de informação, por mais que as limitações financeiras implicam no âmbito material e influenciem diretamente na formação ou composição dos valores-notícia. O autor ainda enfatiza que devemos entender as limitações cognitivas dos jornalistas antes de explicar a noticiabilidade. Para ele, as imagens do mundo e essas limitações cognitivas definiriam os critérios de valor-notícia dos quais listou: novidade; atualidade; pressuposição de conhecimentos prévios; consonância de normas, valores e atitudes; relevância da informação para quem recebe; proximidade geográfica, social e psicoafetiva; e o desvio e negatividade, em que explica que funciona como um sistema emocional de autodefesa, do qual ao presenciarmos ações que poderíamos sofrer, a mesma gera tanto alívio como tensão.

Sousa traz o estudo de Nisbett e Ross (1980), onde os autores destacam o caráter “vivo” em uma história como um fator que pode credenciar o acontecimento como notícia, pois teria força. O português diz que isso nada mais

seria como interesse humano, mas a dupla diz que o “vivid” seria uma forma de atrair e reter a atenção, além de excitar a imaginação por conta de emocionalmente interessante, concreto e próximo no sentido temporal, espacial e afetivo.

Sousa (2001) escreve que o norte-americano Fraser Bond, em 1962, já dizia que o público carrega o significado econômico de ser aquilo que compra, e que o repórter tem que estar antenado sobre as tendências do mercado. Ou seja, em um setor cada vez mais dependente e incluso na lógica comercial, o jornalista deve passar a privilegiar histórias relacionadas aos interesses da audiência, ou que, para o autor envolvesse dinheiro, sexo, crime, culto do herói e da fama, conflitos (guerras, greves, homem contra natureza, conflitos políticos e econômicos etc.), descobertas e invenções. O autor português ainda vai além na teoria e diz que o ser humano se interessa pela informação que lhe proporciona proveito. A relação evento e notícia passa a ser cada vez mais pautada em uma lógica de mercado. As notícias passam a fazer um trabalho de sedução, para que num ambiente onde um meio concorre com outro, prenda o espectador e gere lucro ou audiência.

Na sequência, há um trecho de Nelson Traquina (1988), da qual ele traz a atualidade como um fator de noticiabilidade, e que o jornalista deve saber usar o tempo como “cabide”, ou gancho, para outras notícias. O autor traz o exemplo de que a notícia do aniversário de um partido pode servir como pressuposto para a divulgação de outras informações sobre o mesmo partido. E diz que a atualidade em si já é um elemento que faz uma notícia ser notícia.

Por fim, Jorge Pedro Sousa traz um trecho de Golding (1981), que sugere que os valores-notícias devem ser divididos em três grupos de critérios: a audiência; a acessibilidade, seja no que diz respeito ao fazer a notícia, ou até que ponto o meio de informação pode ir fazer a matéria; e a adaptação, já que a informação tem que fazer sentido, e para isso se deve pesar fatores como rotinas, capacidades técnicas e organizacionais.

Mauro Wolf (2002) traz também em seu texto uma lista do que considera como valores-notícia. Para ele, esses valores são divididos, e distribuídos de forma hierárquica, em quatro categorias: as substantivas, relacionadas ao conteúdo; a disponibilidade do material, relativos ao produto informativo; ao público; e a concorrência. O critério substantivo diz respeito ao acontecimento e transformação em notícia; o segundo fala sobre o respeito ao conjunto de processos de produção e

realização; o terceiro diz respeito a imagem que os jornalistas têm dos destinatários; e por fim, o critério de concorrência fala sobre as relações dos meios de comunicação com o mercado.

Os critérios substantivos são articulados em dois fatores: importância e interesse da notícia. E essa importância pode ser determinada por quatro variáveis: grau e nível hierárquico dos envolvidos; impacto sobre a nação ou interesse nacional; quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; e relevância e grau de significado do acontecimento para futuras coberturas.

No primeiro, o autor diz que quanto mais o acontecimento disser respeito a países de elite, ou pessoas de elite, maior a chance de se tornar notícia. Wolf traz uma citação de Galtung e Ruge que diz que mesmo quando o assunto que diz respeito a envolvidos de elite for aborrecido, repetitivo, não visualizável, ele tende a ser incluído para que o público tenha conhecimento.

O segundo diz respeito a capacidade de um acontecimento influenciar no interesse nacional. Mas para isso, o fato necessita ter, o que Galtung e Ruge denominam como, "significatividade". Ou seja, para ser noticiável, o acontecimento deve ser significativo, ou capaz de ser interpretado no contexto cultural do público. A relevância de valores ideológicos e interesses do país determina a importância do acontecimento. Wolf ainda relaciona a este fator a proximidade, tanto geográfica, como cultural. Ou seja, quanto mais próxima do público, mais importante e interessante a notícia se torna.

O terceiro tópico diz que a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento influi na importância da notícia. Os jornalistas dão mais atenção a fatos que dizem respeito a muitas pessoas, como um desastre natural, ou quando envolve a presença de grandes nomes em uma ocasião formal. Nestes casos, maior é a visibilidade, e conseqüentemente, o valor-notícia.

Por fim, nos critérios substanciais, Wolf atribui importância a acontecimentos que podem gerar desdobramentos em outras notícias. Ou seja, uma notícia que gera outros materiais, como o exemplo que o autor traz de uma campanha presidencial. As eleições primárias já são notícias importantes, mas delas saem toda a cobertura até a escolha do presidente, mesmo que o futuro seja incerto.

Na seqüência, Mauro Wolf traz a segunda categoria dos valores-notícia, relativo ao produto, ou a disponibilidade de materiais característicos do

produto informativo. No que diz respeito a disponibilidade, o autor diz que se trata de saber o quão acessível é o conhecimento dos jornalistas e o quão tratável o acontecimento é tecnicamente nas formas jornalísticas; se há estrutura para cobrir facilmente ou se requer uma grande disponibilidade de meios.

Citando Golding e Elliott (1979), Wolf diz que uma das principais características nesta categoria é a brevidade, na qual resume com um dito popular: “as notícias deveriam ser como as saias de uma mulher: suficientemente compridas para cobrirem o essencial e suficientemente curtas para reterem a atenção”. Ou seja, deve-se fazer uma cobertura completa tecnicamente, que leve toda a informação, mas suficientemente curta para o que público não perca a atenção.

Outra característica importante relativa ao produto é a negatividade do mesmo. Wolf relembra que para um acontecimento se transformar em notícia ele tem que constituir e representar uma infração, desvio, ruptura do uso normal das coisas. Ou seja, é notícia aquilo que altera o curso natural das coisas, e complementa dizendo que quanto mais negativa for as consequências dessa alteração, maior a chance de se transformar em notícia. O autor traz uma citação do norte-americano Herbert Brucker, extraído do texto de Golding e Elliott (1979) para resumir isso:

Naturalmente, um dos princípios fundamentais do jornalismo é que, quanto maior, mais insólito ou mais sangrento é o espetáculo, maior é o valor/notícia. E isto, não porque os jornalistas sejam mais macabros ou menos sensíveis às coisas belas da vida do que as outras pessoas. Isso reflete apenas o fato inevitável de que os leitores se interessarão por uma história que os impressione e, pelo contrário, ignorarão uma notícia de rotina. (Brucker, 1973, P.175, citado por WOLF, 2002, P.207)

Um outro valor importante relativo ao produto é a atualidade. Para o autor, as notícias devem se referir a acontecimentos no menor intervalo de tempo possível. Por outro lado, Wolf atenta a um detalhe que o jornalista tem que tomar cuidado: o tabu da repetição. Antes de noticiar algo o mais rápido possível, deve-se observar se a notícia proposta não é repetida ou semelhante a outras, estando liberada apenas se for realmente importante, critério prioritário.

A qualidade da história também é um critério. Citando Herbert Gans (1979), Wolf distingue quatro critérios de qualidade em uma história: a ação: a notícia se torna melhor quando ilustra melhor o momento, realçando um fato; o ritmo: quando a notícia não tem tanta ação, busca-se torna-la menos entediante por meio de alguns

processos de exposição e apresentação do fato; o caráter exaustivo: no qual se mostra todos os pontos de vista sobre um assunto, ou o máximo possível de dados acerca deste acontecimento; e por fim a clareza da linguagem: da qual se busca sempre apresentar a notícia da forma mais simples possível, principalmente em TV, onde o telespectador não pode voltar para tentar entender o assunto.

O último valor-notícia relativo ao produto que Mauro Wolf apresenta é o equilíbrio, ou a composição equilibrada de um meio. Um jornal, seja escrito, ou em qualquer outra plataforma, tem um limite de notícias para ser fechado e apresentado ao público. Cabe ao meio de informação entregar esse apanhado de notícias da forma mais equilibrada possível. Quando não se atinge esse número de matérias necessárias, um acontecimento, mesmo que não seja tão importante, passa a virar notícia para compor o produto final de maneira equilibrada. Certas categorias passam a ter um valor de noticiabilidade maior pelo fato de existirem justamente para não desequilibrar o todo.

Para o autor, há também um outro lado do equilíbrio. Peguemos como exemplo um jornal de caráter nacional. O responsável pela edição final deste jornal deve colocar notícias que englobe todo o território do país, mesmo que não seja tão importante assim. Ou que fale de todas as classes etárias, para que mantenha interessadas pessoas de todas as camadas. Ou um exemplo ainda mais concreto, citado por Wolf, que seria a cobertura informativa de partidos políticos. Se você fala algo de partido X, terá que buscar alguma informação de partido Y, e usar o mesmo espaço de matérias para ambos, se o mesmo ocorrer em uma disputa eleitoral.

Seguindo para os critérios relativos aos meios de comunicação, Mauro Wolf nos mostra primeiramente que, a quantidade de tempo de transmissão que uma notícia demanda depende menos do assunto do que do modo como é apresentada. Se há a possibilidade, os meios disponibilizam mais equipamentos, pensam em um jeito diferente de apresentar a notícia e tornam-nas mais longas.

Além disso, o autor atrela estes critérios aos relativos ao público, principalmente quando se pensa numa forma de manter os espectadores e leitores entretidos, lhes fornecendo um produto interessante, mas que não caia no sensacionalismo e não ultrapasse limites éticos. Wolf diz que são frequentes os casos em que as notícias até são importantes, mas o suporte visual não acompanha o grau de significância, com imagens que perturbam ou desviam a atenção, sem acrescentar

em nada. Pensar na maneira de fazer a notícia com a forma como se transmite a mesma é determinante para que se obtenha êxito no processo final.

Nos critérios relativos ao público, o autor é breve. Para ele, esses critérios se referem ao papel e imagem dos jornalistas ao público que o desempenha, em um ambiente de difícil definição por se tratar de tensões opostas. Para Wolf, os jornalistas conhecem pouco o seu público, mesmo com os órgãos de informação promovendo pesquisas de características de audiências, hábitos e preferências. O autor diz que é dever dos meios apresentar programas com caráter sempre informativo, sem interesse em satisfazer o público, por mais que alguns autores destaquem o caráter mercadológico. “Quanto menos se debruçarem sobre o público, mais atenção podem dar às notícias.” (WOLF, 2002).

Por fim, Wolf apresenta os critérios relativos a concorrência. O autor apresenta novamente um trecho do texto de Herbert Gans (1979), que diz que a situação de competição dá origem a três tendências que refletem sobre alguns valores-notícia. Primeiro, o autor alemão diz que com o avanço da mídia de massa, os meios de informação passaram a ter jornalista em todos os lugares, e isso dificultava que um chegasse com uma notícia primeiro. Portanto, passou-se a centralizar a cobertura em personalidades de elite, buscando sempre uma entrevista exclusiva que apresentasse um material melhor o meio “adversário”.

A segunda tendência diz respeito ao fato da competição gerar expectativas em mídias competitivas, no sentido de selecionar uma notícia porque se espera que os outros meios façam o mesmo. Por fim, a segunda tendência influencia terceira: busca-se inovar cada vez menos. Se algo deu certo para um meio, todos os outros buscam fazer o mesmo, e o público recebe sempre a mesma cobertura, independentemente do local onde vê a notícia.

O autor Felipe Pena (2007) também estudou os valores-notícias de Mauro Wolf e os definiu da seguinte maneira: para ele, as categorias substantivas são as mais óbvias, pois se classificam entre importância dos envolvidos e grau de interesse do público. E segue com um exemplo, do qual uma informação sobre o presidente da República é mais valorizada do que sobre um vereador.

Já as categorias de produtos são divididas entre brevidade nos limites dos jornais, atualidade, qualidade do produto, com ritmo e ação dramática que tornam

o produto mais interessante e equilíbrio, além da organização interna da empresa, principalmente a objetividade.

Pena divide as categorias relativas ao meio de informação em graus de acessibilidade as fontes e locais e possibilidades e limites de formatação referente aos veículos. Na TV há a necessidade de a pauta possibilitar a produção de imagens e isso influencia na seleção das notícias. A formatação prévia e manual e a política editorial dos meios de comunicação também são critérios relativos a informação. O autor define as categorias relativas ao público como critérios que abordam serviço e medidas protetivas, do qual exemplifica com os meios que evitam a divulgação de casos de suicídios.

Lage (2003) refuta essas medidas protetivas. Para o autor, há de fato o que ele classifica como desafios éticos que fundamentam a tese radical de que a divulgação de um procedimento é capaz de induzir pessoas a reproduzi-lo. Entretanto, para ele, esse critério poderia ser usado para impedir a divulgação de qualquer notícia negativa, porque tudo pode influenciar outras pessoas, construindo um mundo maravilhoso, de comportamento corretos e éticos, o que é utopia.

Por fim, para Pena, as categorias relativas a concorrência tem como valor supremo o furo de reportagem. Além de gerar expectativas em outros meios de informação e a busca pela construção de modelos referenciais que fazem os concorrentes correrem atrás do seu veículo.

Felipe Pena (2007) também atenta ao fato de que as normas ocupacionais parecem mais fortes que as preferências pessoais na seleção e filtragem das notícias. O tempo sempre será primordial no trabalho do jornalista, que está submetido a pressão do deadline. Além disso, fatos podem surgir a qualquer momento, então o meio deve estar preparado para a imprevisibilidade. Portanto, os critérios devem ser bem definidos, usados como um conjunto de instrumentos, para que haja a possibilidade do jornalista em escolher de maneira rápida e clara os fatos que serão notícia.

Mauro Wolf (2002) diz que nem todos os valores-notícia são importantes de modo igual, ou são relevantes para uma notícia. Se todos fossem, seria impossível um jornalista executar o trabalho justamente pela questão do tempo que Pena antecipou. Alguns valores sempre serão relevantes, mas o número de critérios levantados para uma notícia varia. Ou seja, a transformação de um

acontecimento em notícia é o resultado de uma ponderação entre avaliações de peso, relevo e rigidez. Mas diz também que nenhum valor-notícia é analisado de maneira isolada e sim na ligação de uns com os outros, um conjunto de fatores hierarquizados e complementares entre si.

Cada notícia demanda uma avaliação da disponibilidade e credibilidade das fontes, importância, interesse ao acontecimento e atualidade, além dos critérios relativos a produto, meio e formato. Já em suas considerações finais, Jorge Pedro Sousa conclui que a noticiabilidade nada mais é do que:

A selecção e a hierarquização informativa de acontecimentos e dados sobre esses acontecimentos passam por critérios que, em jeito de conclusão, parecem partilhar (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional, por exemplo, relacionado com a postura social da organização noticiosa (como a inter-relação desta com os restantes news media), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e económico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio. Por exemplo, em agências como a portuguesa Lusa, em parte dependentes do Estado, o carácter institucional da informação é algo que transparece, à luz desses factores, como dando valor acrescentado à informação e, portanto, é um critério de valor-notícia. (SOUSA, 2001, P.44-45)

Pensar as premissas conceituais que agregam aos fatos sociais critérios de valor-notícia tornou-se importante para esta pesquisa. Na impossibilidade de levantar um extenso corpus ou material de arquivo para reforçar e/ou identificar padrões nos textos jornalísticos que, ao nosso ver, reforçam a participação da imprensa na visibilidade da violência nos estádios, optou-se aqui por aprimorar leituras sobre os conceitos acima citados para condensar análises, observações, exemplos e comparativos dentro do tempo possível de pesquisa.

O que tornou-se um desafio o processo de produção da monografia buscaremos, a partir do próximo capítulo, apresentar com o máximo de detalhes e referências possíveis através das análises dos fatos e das respectivas reportagens dos jornais selecionados.

4 ANÁLISE DE JORNAIS E REPORTAGENS

Nesse capítulo, faremos a análise de três importantes e trágicos fatos históricos envolvendo torcidas: a batalha campal do Pacaembu em 1995, a grande confusão em Joinville entre torcedores de Atlético Paranaense e Vasco em 2013 e a briga e vandalismo no Maracanã em 2017 envolvendo Flamengo e Independiente da Argentina. Para isso, será avaliado o que foi publicado na Folha de São Paulo e no jornal O Globo no dia seguinte ao ocorrido. As escolhas se devem ao alto grau de impacto visual, ênfase ao trágico (sempre incrustado em nosso inconsciente) e ao uso (muitas vezes abuso) dos fatos trágicos em destaque.

4.1 BATALHA CAMPAL DO PACAEMBU (1995)

Palmeiras e São Paulo se enfrentaram no Pacaembu, na manhã do dia 20 de agosto de 1995, em partida válida pela grande final da Supercopa São Paulo Júnior. O torneio organizado pela Federação Paulista de Futebol teve vida curta, durou apenas dois anos, 1994 e 1995 e reunia 16 equipes sub-20 que já haviam sido campeãs e vices da tradicional Copa São Paulo de Futebol Júnior (popularmente conhecida como Copinha). Os participantes foram separados em quatro grupos com quatro equipes, com os dois melhores de cada grupo se classificando para as quartas-de-finais e avançando até a partida decisiva.

O Palmeiras estava no grupo B, ao lado de Juventus-SP, Ponte Preta e Flamengo, e venceu todos os jogos. Nas quartas passou pela Portuguesa, e nas semifinais pelo Grêmio. Já o São Paulo estava no grupo C, com Nacional-SP, Marília e Grêmio. Nas fases seguintes derrotou Corinthians e Atlético-MG, respectivamente. Na final, jogo equilibrado, e após 90 minutos, o 0x0 permaneceu. Na prorrogação, Rogério marcou logo aos cinco minutos do primeiro e sacramentou o triunfo palmeirense, já que naquela época ainda existia o sistema de morte súbita. A curiosidade é que até hoje o Palmeiras tem o título da Supercopa de Juniores, mas nunca venceu a Copinha.

Entretanto, é logo após o apito final que a confusão começou. A torcida do Palmeiras invadiu o gramado para comemorar o título e provocar os adversários. Os torcedores são paulinos, irritados, pularam o alambrado do setor do tobogã no Pacaembu, que estava em reformas, e pegaram pedaços de madeira e

pedras em uma pilha de entulhos para irem atrás dos palmeirenses. Segundo reportagem da época, havia um efetivo de 65 policiais no estádio, para assegurar os quase 7.000 torcedores que acompanharam a final naquela tarde. No momento da briga, 30 policiais estavam dentro do gramado. O confronto durou aproximadamente 10 minutos, até a chegada de mais oficiais e separarem as torcidas. O saldo final foi de 102 feridos, dentre eles 22 policiais, e a morte de Márcio Gasparin, de 16 anos, após ferimentos na parte de trás da cabeça.

Este foi o primeiro caso de brigas entre torcida que foi levado à Justiça no Brasil, com julgamento e condenação efetuados. Apesar de vários envolvidos, apenas um torcedor palmeirense foi punido. Adalberto Benedito dos Santos foi condenado a 14 anos de prisão, por homicídio duplamente qualificado pela morte de Márcio. Ele cumpriu quatro anos de regime fechado e hoje está solto, em dia com a justiça⁸.

Mas vamos a análise de fato: identificamos anteriormente os critérios de noticiabilidade que justificam a escolha da confusão no Pacaembu como notícia. O número de pessoas envolvidas, a violência, as equipes que estavam em campo, uma final de campeonato, aparentemente tudo isso atrai o leitor e o mantém interessado naquele material.

4.1.1 Cobertura do jornal Folha de S. Paulo

No dia 21 de agosto de 1995, a Folha de São Paulo reservou boa parte do seu jornal para falar do assunto. Ao todo foram 15 textos, desde reportagens, artigos de opiniões e notas. Foto e reportagem na capa do jornal (figura 2), mais toda a diagramação da capa do caderno Esportes (figura 4) dedicada ao assunto, outra página inteira dedicada à cobertura na editoria, e ainda outros três textos espalhados no caderno.

A matéria da capa de esportes, assinada pelos repórteres Mário Moreira e Marcelo Damato, era relacionada à cobertura do que aconteceu no Pacaembu no dia anterior, mas logo no título temos uma observação interessante: “Torcedores brigam em jogo de juniores e adiam estreia do Corinthians no Brasileiro”.

⁸ JUNIOR, Gonçalo. Os 20 anos da briga que mudou a história das torcidas. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2015, Esportes. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,os-20-anos-da-batalha-do-pacaembu--tragedia-que-chocou-o-brasil,1744717>>. Acesso em 14 out. 2019.

Não são citados os nomes de São Paulo e Palmeiras no título, a final da Supercopa de Juniores foi reduzida a apenas “jogo de juniores”, e deram destaque ao Corinthians, que nem entrou em campo e teria seu jogo adiado no Campeonato Brasileiro por conta da falta de segurança e destruição do Pacaembu.

Apenas na linha fina tem uma citação a uma das equipes envolvidas na final, ao campeonato e aos feridos: “batalha de paus e pedras, após título do Palmeiras na Supercopa, deixa 80 torcedores e 22 policiais feridos”. Como outros autores nos apontaram anteriormente, o uso de termos de guerra na mídia para se referir a confusões no futebol é comum, e mexe com o torcedor, como no caso da Inglaterra x Holanda, na Copa do Mundo de 90, citado por Bill Buford (1992). A linha fina já traz o termo batalha, como foi popularizado o caso: “batalha campal do Pacaembu”. E isso está presente em outras partes do texto. A palavra “batalha” reaparece, e logo no primeiro parágrafo há a seguinte frase “as torcidas de Palmeiras e São Paulo travaram uma guerra, ontem, no estádio do Pacaembu”.

No restante da reportagem, há quase que uma linha do tempo do caso, desde a partida até como se originou a confusão, o número de feridos, e três parágrafos no meio do texto citando o jogo do Corinthians e a interdição do Pacaembu. Há apenas uma entrevista na matéria, de um torcedor de 17 anos dizendo: “Estava uma guerra. Minha mãe me proibiu de ir a estádios de novo”.

Em uma pequena nota ainda na capa de Esportes, o repórter Mário Moreira, entrevistou um major da polícia militar, Silvio Roberto Villar. Nela, o policial isenta a responsabilidade de seus comandados, citando que o confronto era “imprevisível”, que o efetivo disponível naquela tarde era “normal para um jogo de até 10.000 torcedores”, mas diz posteriormente que: “se tivéssemos mil homens no local, nem assim conseguiríamos conter os torcedores”.

Na sequência, há um artigo de opinião intitulado “Isso não é bossa nova, nem é muito natural”, assinado pelo jornalista Alberto Helena Júnior (1995), em que o mesmo faz uma comparação entre a bossa nova, o funk ou rap; o rico e o pobre. O autor começa o texto de forma literária, ambientando o leitor em um show num sábado à noite, com um senhor bem vestido, um banquinho e um violão, com o som no tom certo, já que para ele, o senhor não terá de alcançar cinco decibéis para atingir um salão de dois andares com 2.000 pessoas. “Durante duas horas, não se ouve um clique de isqueiro, um pigarro, um arrastar de cadeira ou o tilintar de um copo. A

multidão está simplesmente hipnotizada”. Para ele, a bossa nova é o estilo refinado e respeitoso.

Na sequência, ele retrata uma manhã de domingo, outras 2.000 pessoas, sob um céu de chumbo, “se atiram a uma batalha campal sem causa e nem sentido”, no Pacaembu, no que ele classifica como a “morte súbita do futebol”. Para Alberto Helena Júnior, “isso é muito funk, um trágico rap que canta a tragédia que se avizinha”, e completa dizendo que na raiz da violência crônica, repetitiva e cotidiana dos campos de futebol, fervilha ódio à miséria, expressada pela periferia. O autor ainda usa o termo “marginais” para se referir aos torcedores organizados que vão ao estádio para buscar uma vitória em suas vidas de derrotas diárias. E ainda completa dizendo que os torcedores vindos das zonas pobres da cidade aos poucos vão sufocando as zonas ricas de São Paulo, que estão acuados nas zonas sul e oeste. E encerra dizendo “isso não é bossa nova, nem é muito natural”.

Baseado nos estudos de análise argumentativa do autor Miltos Liakopoulos (2015), argumento nada mais é do que uma atividade verbal ou escrita que apresenta uma série de afirmações para justificar ou refutar determinada opinião e persuadir uma audiência. Mas para trazer argumentos, devemos ter uma estrutura para validar o que se está propondo com justificativa, dados, garantias, apoios e se necessário, uma refutação. Para ele, o autor do argumento deve apresentar uma proposta ou argumento fundamentado em dados, que são fatos ou evidências para dar força ao argumento, que por outro lado necessita de garantias, para afirmar se de fato esses dados são verdadeiros e se possível, utiliza-se um apoio para ajudar na garantia do argumento.

O texto de Alberto Helena Júnior não apresenta nenhum dado, garantia ou apoio. O autor começa em um caráter literário, exaltando a beleza e riqueza que cerca o ambiente da bossa nova. Depois resume gêneros como funk e rap a um ambiente pobre, violento, de ódio e miséria das regiões marginalizadas de São Paulo. Além da diferença clara de tratamento entre o senhor bem vestido que toca violão com um jato de luz que o desvenda misteriosamente, como dito, para o marginal torcedor que veste sua armadura e vai para o estádio buscando uma vitória em meio a suas derrotas diárias. Nenhum dado, garantia ou apoio para sustentar todos esses argumentos. O mesmo ocorre em uma coluna do jornalista Juca Kfourri (1995), que também saiu na Folha naquela segunda-feira, intitulada como “Violência

barata”. Nele, o jornalista defende que o fim da violência dentro dos estádios de futebol só teria fim quando cobrados ingressos caros. Ele diz isso porque a entrada no Pacaembu na manhã daquele domingo era gratuita. Kfourri enfatiza que quanto mais caro o ingresso, menos violência, e que naquele momento, a reponsabilidade, do que classifica como “barbárie”, era mais dos pobres do que dos ricos. Ele ainda critica a polícia, que não era suficiente para conter os torcedores; e a impunidade quanto aos responsáveis pelas torcidas organizadas, que segundo o mesmo, continuava “desfilando sua ignorância nos meios de comunicação como se fosse porta-vozes dos torcedores”. E novamente diz que a única solução é pagar caro para deixar o espetáculo apenas para quem pode pagar pela diversão, e não “pela guerra que mobiliza os marginais”. E repete dizendo que os marginais são de todas as classes, mas “o grosso é composto pelos deserdados, massa de manobra imbecil das jogadas políticas internas”. E completa dizendo não sentir pena daqueles que saíram do Pacaembu ensanguentados, já que para ele, mereceram.

Novamente, argumentos e opiniões se baseando em nenhum dado, garantia e apoio. Na verdade, apenas um argumento tem dado. Quando o jornalista cita que o policiamento era “inexplicavelmente insuficiente”, ele lembra que o histórico recente demandava mais atenção dos oficiais, já que um torcedor morreu em um São Paulo x Corinthians, também das categorias de base, e sem cobrança de ingresso. Além disso, há a defesa da elitização do futebol, e afastamento das camadas mais pobres do estádio, exemplo de violência estrutural citada anteriormente por Lopes (2016). Fora a culpabilização quase que exclusiva aos torcedores, principalmente os mais pobres, o mesmo que ocorreu em Hillsborough. Além de tratar os torcedores como “marginais”, “deserdados”, “massa de manobra imbecil”, Kfourri ainda afirmou não sentir pena dos que saíram do Pacaembu com alguma lesão.

Nilson Lage (2003) nos traz em seu livro o código de ética do jornalista. O item C do artigo 10 nos apresenta que “o jornalista não pode frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate”, além do fato de que todo jornalista tem o dever de divulgar os fatos, sempre ouvindo todos os lados da história. Kfourri, por sua vez, enfatiza em seu texto que além de serem impunes, os torcedores organizados continuavam desfilando ignorância nos meios de comunicação, como se fossem porta-vozes dos torcedores. Mas quem seria uma fonte melhor para falar em nome das torcidas organizadas, senão os representantes das

torcidas organizadas? Além do mais, os argumentos fogem do primeiro princípio do jornalista, o de informar.

Um texto jornalístico impresso destina-se, primeiramente, a manter informados muitos leitores. Quer se queira quer não, este factor restringe as formas de enunciação jornalística e impõe determinados princípios à escrita. Um texto jornalístico pode proporcionar uma leitura mais ou menos amena, pode até fazer brotar uma gargalhada dos lábios do leitor, ou comovê-lo até às lágrimas, pode fugir às formas rotineiras de elaborar as mensagens. Mas não deve perder de vista os princípios régios da enunciação jornalística. É aferindo essas qualidades que se julga, em princípio, a qualidade do texto jornalístico. (SOUSA, 2001, p.121)

Na sequência, temos a única reportagem da Folha que mostra o lado de um torcedor, para além de uma frase na primeira reportagem. O repórter Rodrigo Bertolotto conta a visão do torcedor Gilmar Inácio da Silva, de 16 anos, da Torcida Independente, do São Paulo. O jovem relata que viu um torcedor receber uma pedrada, ficar desacordado e preso debaixo de um alambrado. Depois conta quando o ajudou a levar ao hospital, mas que não pode ficar com ele por não ser parente. O torcedor desacordado deu entrada no hospital como desconhecido, já que não estava com documentos, e nenhum parente o acompanhou. Naquele mesmo dia, passara por cirurgia na cabeça, mas os funcionários impediram Gilmar de visita-lo. Este foi o espaço dado aos torcedores na cobertura da Folha de São Paulo naquela segunda-feira.

4.1.2 Cobertura do jornal O Globo

Já o jornal O Globo, do Rio de Janeiro, teve uma cobertura bem menor da confusão no Pacaembu. Na capa do jornal (figura 3), nenhuma menção ao ocorrido. Na capa de esportes (figura 5), uma manchete chamando para as únicas duas reportagens na página 7 – uma falando sobre o que ocorreu; e outra citando o presidente da Mancha Verde, Paulo Serdan, como uma das vítimas. Apenas uma foto. O grande destaque daquele dia era uma vitória do pugilista Mike Tyson, de uma luta que havia ocorrido na madrugada de sábado para domingo, em Las Vegas. Mas a escolha do foco em uma luta de boxe nos Estados Unidos é justificável?

Segundo os critérios de noticiabilidade de Mauro Wolf (2002), os primeiros fatores que devemos levar em consideração ao escolhermos uma notícia é

importância e interesse da mesma. Há também a questão da proximidade, tanto do jornal quanto do leitor, com o fato a ser noticiado. Esta proximidade não deve ser encarada apenas como física ou geográfica, mas também sob perspectiva de identificação ou intimidade com o assunto. Assim, é possível presumir que o caso Pacaembu, ocorrido na capital de São Paulo, seja mais interessante e mais pertinente para um jornal também sediado na mesma cidade onde aconteceu a tragédia.

Ainda assim, existe a possibilidade de verificar, primeiramente, o grau e nível hierárquico de pessoas e países envolvidos, o que por um lado justifica a escolha de Mike Tyson. Mas também tem que se prestar atenção no impacto sobre a nação ou interesse nacional e na proximidade, seja geográfica ou de afinidade cultural. Além da luta ocorrer a quase 10 mil quilômetros de distância dos leitores, o futebol tem mais espaço no meio cultural brasileiro que o boxe, por exemplo. “As notícias são culturalmente próximas, se se referem a acontecimentos que entram na esfera normal de experiência dos jornalistas e do público, os que implicam uma esfera partilhada de linguagem e pressupostos culturais comuns [...]”. (WOLF, 2002, p.203).

Sem contar o número de envolvidos no caso de São Paulo, e o caráter negativo e mórbido como traz Jorge Pedro Sousa (2001) em seu texto, afinal, a violência e a negatividade são valores-notícia importantes, principalmente para prender a audiência do público, já que isso funcionaria como um sistema emocional de auto defesa, onde ao contemplar expressões de nossos temores, o fato de outro sofrer essas situações nos proporcionaria alívio ou tensão.

A grande matéria que descreve o ocorrido é assinada pelo repórter Milton Alves, e tem o seguinte título “Briga de torcedores em São Paulo fere mais de cem e adia jogo”. O lead conta com os elementos corretos. Diz o que aconteceu, quando, onde, com quem e ainda traz duas frases relatando o cancelamento da partida do Corinthians, como citado anteriormente na matéria da Folha de São Paulo. Mas assim como no periódico paulista, o jornalista também trata a confusão como uma “batalha”, além de relatar Mancha Verde e Independente, organizadas envolvidas, como duas das mais violentas facções organizadas do Brasil.

Na sequência, há o histórico da confusão, com uma menção ao gol do título, mas apenas para contextualizar o que provocou a revolta dos torcedores, e o resto da reportagem somente sobre a briga. A primeira com um major da Polícia Militar, chamado apenas de Bilac, então subcomandante do 20º Batalhão de Choque

que, segundo o jornalista, era responsável pelo policiamento naquela manhã. Bilac afirma em sua fala que solicitou a mudança do local da partida por conta dos problemas de segurança que o Pacaembu apresentava, mas que não foi atendido porque o Canindé, estádio da Portuguesa, teria um bingo no dia. Disse ainda que o Palmeiras não quis jogar no estádio do São Paulo e o São Paulo, idem: não quis jogar no estádio do Palmeiras. Posteriormente, uma fala do então presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Rubens Aprobato Machado, que diz vetar qualquer partida no Pacaembu enquanto a prefeitura de São Paulo não retirar o entulho do estádio, além de estudar a possibilidade de proibir a entrada das uniformizadas nos estádios paulistas. A reportagem não teve nenhuma fala de torcedor.

A outra matéria, que não apresenta assinatura, tem o título “Presidente da Mancha Verde é uma das vítimas”. Nela, a reportagem apresenta o lado do envolvidos: quantos feridos, quem foi atingido e versão de outro policial. Novamente, nenhum torcedor foi entrevistado. A matéria começa com a seguinte frase: “O feitiço virou contra o feiticeiro”, para dizer que uma das maiores vítimas foi o presidente da “temida Mancha Verde”, Paulo Serdan, que deu entrada a um hospital com cortes e hematomas no corpo todo. A matéria ainda diz que os torcedores combinaram outro encontro na zona sul de São Paulo, mas os policiais impediram “nova guerra”.

No fim, uma fala do major Villar, que também foi fonte da Folha, em que diz que a agressividade das organizadas se dá ao fato de que os membros delas usam o futebol somente como fator aglutinador, e compara as torcidas com os grupos de funk de Los Angeles (provavelmente se referindo a histórica rivalidade entre as gangues “Crips” e “Bloods”, da costa oeste do Estados Unidos, que tinha como pano de fundo a crescente do estilo hip hop e a ligação com o crime organizado na época), que se enfrentavam sempre. Para o policial, os torcedores já eram rivais e o futebol não era mais interessante para eles. No último parágrafo ainda há o caso de um torcedor que havia sido morto em 1992 por conta de uma bomba caseira atirada por um membro organizado de uma torcida do São Paulo.

No que diz respeito ao caráter geral das análises, Carlos Alberto Nunes (2003) diz que uma das principais características de um texto jornalístico é a capacidade de um jornalista publicar a reportagem sem emitir juízo de valor ou induzir

o texto a algo, seja com termos, referências ou escolha de fontes, coisas que não vimos tanto na cobertura em 1995.

Considerada perfeição do estilo, da execução de uma obra independentemente do caráter ou índole do artista no diz respeito à arte, a objetividade é a capacidade de não envolver-se pessoalmente, de não emitir juízos e se aplica da mesma forma no trabalho do jornalista. O redator de comunicação deverá estar "fora" da notícia; sua linguagem deverá ser exclusivamente referencial, sem emitir juízos de valor e nem induzir o leitor a determinadas interpretações, ou talvez: não induzir premeditadamente o leitor a determinadas interpretações. Afinal se a indução está presente na escolha da pauta, no destaque da matéria jornalística dentro de sua editoria, no espaço que lhe é reservado naquela edição e na angulação da notícia, que pelo menos na linguagem se tente manter uma respeitosa isenção (leia-se: respeito pelo leitor). (NUNES, 2003, p. 20)

Reunindo as informações de ambos os jornais analisados, optamos por reunir dados (quadro 1) elencando similaridades e diferenças principais entre as reportagens. Observe, e também compare os dados com as páginas selecionadas para a pesquisa:

Quadro 1 – Análise comparativa entre os jornais, referentes à tragédia do Pacaembu.

	Destaque na capa	Capa de Esportes	Página inteira	Meia página	Páginas pares	Páginas ímpares	Fotos
Folha de SP	Sim	Inteira dedicada	Duas	Duas	Duas	Uma	Onze
O Globo	Não	Só uma chamada	Nenhuma	Uma	Nenhuma	Uma	Uma

Fonte: o próprio autor.

Figura 2 – Folha S. Paulo de 20.8.1995



Fonte: Acervo digital da Folha de São Paulo

Figura 3 – O Globo de 20.8.1995



Fonte: Acervo O Globo

Figura 4 – Capa de Esportes da Folha 20.8.1995



Fonte: Acervo digital da Folha de São Paulo

Figura 5 – Capa de Esportes O Globo 20.8.1995



Fonte: Acervo O Globo

4.2 A GRANDE CONFUSÃO EM JOINVILLE (2013)

Na época o ainda Atlético-PR, sem “TH”, recebeu o Vasco da Gama na última rodada do Campeonato Brasileiro de 2013. O jogo ocorreu na tarde do dia 8 de dezembro, na Arena Joinville, em Joinville-SC, já que o Atlético cumpria suspensão após outra briga entre torcedores, em um clássico com o Coritiba no início de outubro, e teve que jogar a mais de 100 quilômetros da capital paranaense. Naquele momento, a equipe rubro-negra já estava atuando longe de casa, na Vila Capanema, estádio do Paraná Clube, pois a Arena da Baixada estava em reformas para a Copa do Mundo, que seria disputada no próximo ano.

As equipes entravam em campo com objetivos diferentes. O Atlético só precisava de um empate para garantir uma vaga para a Copa Libertadores de 2014. O Vasco buscava um milagre para fugir do rebaixamento. Tinha de vencer e torcer para que pelo menos uma de quatro equipes (Portuguesa, Internacional, Criciúma e Coritiba) não conquistassem três pontos. O clima era de tensão já antes da partida

iniciar. Dentro de campo, o Athletico fez o primeiro gol logo no início do jogo, antes da briga. A partida acabaria em 5x1 para o Furacão e culminaria no rebaixamento cruzmaltino. Fora dele, uma série de decisões erradas resultariam nas cenas de violência que passaram no mundo todo.

Desde o jogo contra o Náutico, na 36ª rodada, o Athletico contratava uma equipe de segurança privada para atuar dentro da Arena Joinville. Como não teve incidentes, – já que não havia torcedores adversários naquele jogo – a medida se manteve para a rodada decisiva, mas desta vez, com uma torcida visitante com os nervos a flor da pele pela possível queda a Série B. A polícia militar só atuaria na parte externa do estádio naquele dia, com 120 policiais; e coube a 100 seguranças particulares manterem a paz dos quase 9.000 torcedores que estiveram no norte catarinense naquela tarde.

A polícia só entrou no estádio cinco minutos depois da confusão se iniciar, separando as torcidas com balas de borracha. O resultado foi uma hora e quinze minutos de partida paralisada, violência, e quatro torcedores hospitalizados, nenhum morreu. O Athletico foi condenado a pagar uma multa de R\$ 140 mil, além de 12 partidas fora de casa, metade delas com portões fechados. Já o Vasco recebeu multa de R\$ 80 mil, oito perdas de campo, quatro delas sem torcida. Em fevereiro do ano seguinte, o STJD diminuiu as penas. O Athletico só teve de pagar R\$ 80 mil, e nove jogos fora, com quatro sem torcedores. E o Vasco da Gama teve sua multa diminuída para R\$ 50 mil, seis jogos longe do Rio com três deles sem sua torcida.

Até hoje, apenas um envolvido foi condenado judicialmente⁹. Em dezembro de 2018, Leone Mendes da Silva, torcedor do Vasco, recebeu pena de dez anos de prisão em regime fechado. Oito deles por tentativa de homicídio e mais dois por incitação à violência em eventos esportivos. Ele ainda havia sido indiciado por dano qualificado contra patrimônio público, mas acabou sendo inocentado dessa acusação.

4.2.1 Cobertura do jornal Folha de São Paulo

⁹ TORCEDOR acusado de envolvimento em briga na Arena Joinville é condenado a 10 anos de prisão. **G1**, Joinville, 6 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/12/06/torcedor-acusado-de-envolvimento-em-briga-na-arena-joinville-e-condenado-a-10-anos-de-prisao.ghtml>>. Acesso em 12 out. 2019.

Neste caso, a Folha de São Paulo foi mais econômica, com apenas duas matérias sobre a briga, e uma pequena nota na capa do jornal (figura 6), praticamente com informações de lead, citando o que aconteceu, com quem, onde, e relatando sobre a partida do Fluminense, que até aquele momento também estava rebaixado – mas acabou sendo salvo por uma irregularidade na escalação de um jogador da Portuguesa, que perdeu pontos posteriormente. Considerando que uma publicidade ocupa aproximadamente 40% da página, a Folha dedicou a capa de esportes (figura 8) inteira para falar sobre o assunto. Há ainda uma matéria de duas colunas na segunda página do caderno com a visão da polícia sobre o assunto. Foram publicadas seis fotos naquela segunda-feira, todas sobre a confusão.

A matéria da capa de esportes, que não é assinada por ninguém, traz o seguinte título “Violência marca final do Brasileiro; Vasco e Flu caem”, e a linha fina “Jogo entre Atlético-PR e Vasco tem pancadaria entre seus torcedores”. Já vemos uma mudança de tratamento ao acontecimento em relação a 1995, em que fora usado termos como batalha e guerra logo no início da reportagem especial. E o texto em si tem caráter informativo. Relata o que ocorreu; quantos torcedores ficaram feridos; o efetivo de seguranças que estava na arquibancada no momento da briga, que segundo o texto eram sete; o motivo que levou o Atlético a mandar seu jogo em Joinville; o minuto em que a partida foi paralisada; como foi o atendimento; o tempo em que a partida ficou interrompida; e o momento em que dirigentes vascaínos pediram para que a partida fosse interrompida, afinal, se o jogo fosse cancelado, ou continuaria no dia seguinte, ou o árbitro alegaria falta de segurança da equipe mandante, que decretaria vitória de W.O ou 3x0 para o Vasco e salvaria a equipe carioca do rebaixamento. Apenas dois termos chamam a atenção no texto: primeiro, logo no início da reportagem, o jornalista resume o ocorrido como “a selvageria na Arena Joinville”. Mais adiante, o autor do texto diz que “a polícia ainda levou cerca de cinco minutos para separar os vândalos”.

Já a segunda matéria, também sem assinatura, traz a manchete “Para comandante, PM não conseguiria evitar a briga”, com a linha fina “A polícia diz que responsabilidade pela segurança era do Atlético-PR”. Nela é mostrada a versão do então comandante do 8º Batalhão de Polícia Militar de Joinville, Adílson Moreira, que assim como outros policiais entrevistados em confusões de torcida, isenta a responsabilidade do seus comandados – afinal, a partida teve segurança privada – e

diz que mesmo com a presença dos policiais no estádio, os torcedores iriam brigar, já que “a briga já ocorreu em diferentes estádios, se houvesse policiamento, ocorreria da mesma forma”. O texto também traz um trecho de uma nota do ministro do esporte em 2013, Aldo Rabelo, que afirmou que iria procurar o Ministério Público para discutir um entendimento comum sobre a PM nos estádios. Além de dizer que os torcedores devem ser punidos por seus atos, cumprindo-se o Estatuto do Torcedor. Novamente, em ambas as matérias, nenhum torcedor foi ouvido. E nesse caso, nem os dirigentes do Atlético, para buscar uma explicação sobre a segurança privada. E por que a tecla de não ouvir variadas fontes nas matérias foi tão batida neste trabalho? Jorge Pedro Sousa explica a importância disso:

Quando se trata de situações que envolvem interesses de várias partes, as fontes devem ser sempre contrastadas, mesmo que a resposta a publicar seja que a entidade se recusou a prestar declarações. Também se deve fazer o contraste de fontes por rotina. Por exemplo, se várias pessoas presenciam um acidente, é melhor ouvir mais do que uma, pois as versões de cada uma dificilmente serão coincidentes. Esta é uma realidade com que o jornalista tem de aprender a lidar: as pessoas percebem coisas diferentes. (SOUSA, 2001, p.64)

4.2.2 Cobertura do jornal O Globo

Já o jornal O Globo teve uma cobertura um pouco maior, afinal o periódico é carioca, e naquele momento, dos quatro rebaixados, dois eram do estado do Rio de Janeiro. O domingo anterior teve grande destaque na capa (figura 7), a capa de esportes inteira (figura 9) dedicada, e mais uma página no caderno para falar sobre o assunto. Ao todo foram quatro materiais escritos e seis fotos de Joinville, com cinco delas sobre a confusão e uma do jogo. Um artigo de opinião também foi publicado citando o ocorrido.

Na capa, a foto de um torcedor atleticano sendo pisoteado por vascaínos contrasta com de jogadores do Fluminense lamentando o rebaixamento e botafoguenses comemorando a vitória. O texto já traz como título “Em dia de barbárie, Vasco e Flu caem”, e uma linha fina dizendo “Pancadaria entre vândalos na última rodada do Brasileiro marca rebaixamento de dois grandes do Rio”. A matéria traz um resumo da rodada para as equipes cariocas. Na legenda da foto e no texto há um destaque para a falta de policiamento no estádio e o termo selvageria aparece duas vezes.

Na matéria principal já podemos observar um fato interessante sobre O Globo em 2013 e no próximo caso que iremos analisar mais adiante nesse texto: os títulos das matérias. No periódico carioca, se utiliza uma linha fina maior que busca resumir o assunto, e o título traz basicamente uma afirmação exclamativa, quase como vemos em revistas. Carlos Alberto Nunes (2003) diz em seu texto que elaborar um bom título é fundamental para atrair e orientar o foco do leitor, e deve ser o mais claro e preciso possível, porém, o título não está liberado de normas técnicas ou adequações com a linguagem, e um dos principais aspectos a serem seguidos é justamente não se usar perguntas ou afirmações exclamativas e também evitar o uso de adjetivos e advérbios, principalmente quando emitem ou insinuam opinião. A reportagem principal traz como chapéu “Barbárie, humilhação e Série B” e o título “Triste fim”, apenas. Na reportagem da página seguinte temos como chapéu “Impotência no tribunal” e de título somente a palavra “Mobilização”.

O aspecto atrativo do título fica por conta mais da circunstância do fato, do inusitado, do impacto da própria informação, do que propriamente da linguagem. Embora haja recursos de linguagem para chamar a atenção do leitor, o título já “prende” normalmente pela relevância da informação que contém. (NUNES, 2003, p.33)

A reportagem principal é assinada pelos jornalistas Allan Caldas e Marcos Penido, enviados especiais para Joinville e Salvador, local das partidas de Vasco e Fluminense – que enfrentou o Bahia. E a matéria traz um resumo do domingo das duas equipes que naquele momento estavam rebaixadas. O texto começa dizendo que “não poderia ter desfecho pior para o último capítulo de um drama cujo final, a queda de Vasco e Fluminense para a segunda divisão, era previsível”, mas segue dizendo que poderia sim, por conta das “cenas de selvageria” no jogo que “esteve perto de acabar em tragédia”. Na sequência um histórico da confusão, onde quatro torcedores foram hospitalizados, mas “milagrosamente” nenhum deles tem risco de vida. Há a menção da paralisação em uma hora e dez minutos e uma crítica ao corpo de arbitragem e delegado da partida: “Como num culto à insensatez e à falta de bom senso, a partida recomeçou, no mesmo cenário da barbárie”. O ‘lead’ ainda termina dizendo que em campo perderam os cariocas, mas a “tragédia” foi uma derrota de goleada para o futebol brasileiro.

Em outro parágrafo do texto, o jornalista cita o festival de erros antes da partida como um dos culpados pelo o que aconteceu. Primeiro, repete que não houve vencedores na cidade catarinense – mesmo dentro de campo o Atlético ter vencido a equipe carioca por 5 a 1 e garantido vaga a Libertadores de 2014. Depois diz que, inicialmente, o comando do 8º Batalhão da Polícia Militar de Joinville que decidiu não fazer a segurança interna na Arena, já que anteriormente isso deu certo em partida contra o Náutico, na qual não teve torcida visitante. Há uma fala indireta do tenente-coronel Adílson Moreira dizendo que houve acordo com o Ministério Público de Santa Catarina para que seus comandados fossem responsáveis somente pela parte externa do estádio. Mas em nota oficial, o MP negou o acordo. Mas outra fala indireta, desta vez do presidente da Fundação Municipal de Esporte e Lazer de Joinville, Fernando Klelling, diz que a segurança era privada por conta de ação do MP. Novamente como em outros casos de violência no estádio, e assim como Costa (2015) disse anteriormente neste texto, há sempre uma transferência de responsabilidades e no fim, o torcedor é 100% culpado.

O jornal traz um trecho do regulamento da CBF que só exige policiais fardados no campo de jogo. Além disso, diz que o conflito era anunciado, já que a torcida do Atlético-PR proibiu a venda da caravana para crianças e mulheres por conta de riscos de conflitos. Na verdade, o post no site da torcida alertava para o perigo de encontro com ônibus de outras organizadas na estrada, já que muitas iriam se deslocar no mesmo período porque os jogos na última rodada acontecem no mesmo dia e horário. O site, e conseqüentemente a publicação, não existem mais. Na sequência a fala de um jogador em campo que dizia, segundo o jornalista, aos prantos, que viu torcedor recebendo chutes e golpes de madeira na cabeça. O texto ainda traz no final frases de alguns personagens de Atlético, Vasco e Fluminense falando de rebaixamento e da briga. Novamente, nenhum torcedor foi ouvido. E como no caso da Folha, os dirigentes também passaram batido.

A segunda reportagem, com título “Mobilização” é assinada por Carlos Eduardo Mansur, e tem a seguinte linha fina “STJD fala em punição rigorosa, espera progresso com volta dos jogos de portões fechados, mas só vê solução com engajamento do Judiciário e governo federal”. A reportagem cita as possíveis punições que Atlético e Vasco poderiam sofrer; o que deve ser feito para impedir que casos como esse se repitam; que ainda há muita impunidade no Brasil; e que o

judiciário e governo federal precisam agir em conjunto com o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva para que se criem planos de segurança melhores e que, como disse o procurador geral do STJD, Paulo Schmitt, ouvido na matéria, o crime organizado pare de se infiltrar no futebol.

Há também uma coluna de opinião assinada pelo jornalista Fernando Calazans, com o nome “Selvageria no país da Copa”. O autor faz um panorama do que houve no domingo, desde os rebaixamentos, até a classificação para a Libertadores do Botafogo e claro, a briga dos torcedores. Para ele, o Brasil assistiu a uma das cenas mais selvagens do seu futebol, a briga em um estádio sem policiamento. Calazans diz que o estádio foi abandonado por autoridades, poder público e dirigentes dos clubes. E que aquela foi uma vergonha para o país todo, dois dias depois do sorteio dos grupos e seis meses antes da Copa do Mundo de 2014. No fim, ele questiona seu leitor: “Afinal esses “torcedores” são seres humanos ou são animais selvagens?”.

Da mesma forma que na confusão do Pacaembu, reunimos as informações e dados dos jornais analisados neste segundo quadro para facilitar na comparação entre os dois veículos. Além disso, compare as capas principais e de esportes, relatadas no texto, da Folha de São Paulo e O Globo daquele 9 de dezembro de 2013.

Quadro 2 – Análise comparativa entre os jornais, referentes à confusão em Joinville.

	Destaque na capa	Capa de Esportes	Página inteira	Meia página	Páginas pares	Páginas ímpares	Fotos
Folha de SP	Sim	Inteira dedicada	Uma	Uma	Uma	Uma	Seis
O Globo	Sim	Inteira dedicada	Duas	Nenhuma	Uma	Uma	Seis

Fonte: o próprio autor.

Figura 6 – Capa da Folha de 9.12.2013



Fonte: Acervo digital da Folha de São Paulo

Figura 7 – Capa do O Globo de 9.12.2013



Fonte: Acervo O Globo

Figura 8 – Capa de Esportes da Folha 9.12.2013



Fonte: Acervo digital da Folha de São Paulo

Figura 9 – Capa de Esportes O Globo 9.12.2013



Fonte: Acervo O Globo

4.3 A FINAL DA COPA SUL-AMERICANA (2017)

Flamengo e Independiente (ARG) se enfrentariam no final de 2017 para decidir quem seria o campeão da Copa Sul-Americana daquele ano. A equipe carioca disputou a Copa Libertadores no primeiro semestre, mas acabou no seu grupo, não passou de fase, e como previsto em regulamento, garantiu uma vaga as oitavas de final ao outro torneio continental da América do Sul. Já os *rojos* garantiram vaga direta, por ter sido 6º colocado no Campeonato Argentino de 2016. Na Sula, o Flamengo passou por Chapecoense, Fluminense e Junior de Barranquilla (COL) antes de chegar a grande decisão. Já o Independiente eliminou o Atlético de Tucumán (ARG), Nacional (PAR) e Libertad (PAR) para alcançar as finais, que ocorreriam nos dias 06/12 em Avellaneda, região metropolitana de Buenos Aires, na Argentina e no dia 13/12 no Maracanã.

Na ida, revés para o Flamengo, que até saiu na frente, mas sofreu a virada e precisava de dois gols para conquistar o título. Mas se dentro de campo, as

equipes brigavam pelo título, fora dele, os torcedores brasileiros e hinchas argentinos criaram um clima de tensão tanto lá, como aqui¹⁰. Na argentina, teve o tradicional foguetório na porta do hotel flamenguista, intimidação a torcedores visitantes e jornalistas e gestos e declarações racistas para jogadores brasileiros. O Independiente chegou a divulgar uma nota oficial pedindo desculpas e repudiando os atos de racismo protagonizado por sua torcida.

Mas tudo isso acabou sendo combustível para um sentimento de revanche que aflorou na pele de quem acompanha a equipe rubro negra¹¹. Um dia antes da volta, briga entre os rivais, foguetório, grades de contenção destruídas, e tentativa de invasão, contida pela polícia, na porta de um hotel na zona oeste do rio. No início da madrugada surgiram boatos que a delegação argentina se transferiria para outro hotel na zona sul. Um grupo de flamenguistas foi até lá e teve mais fogos.

No dia do jogo, mais brigas com torcedores argentinos na porta do Maracanã. A polícia desta vez tentou acabar com o tumulto com bombas de gás lacrimogênio, gás de pimenta e balas de borracha. Ônibus e carros foram depredados. Os torcedores não desistiram e passaram a tentar invadir o estádio, o que já havia sido combinado nas redes sociais, derrubando grades e leitores eletrônicos e quebrando portões e catracas. Ônibus dos jogadores do Independiente e outros de torcedores argentinos foram alvo de depredação, chegando ao jogo com vidros quebrados.

Após o empate em 1x1 que deu o segundo título da Sul-Americana a equipe argentina, os torcedores flamenguistas, dessa vez irritados com o revés, começaram a vandalizar os arredores do estádio. Bombas chegaram a ser atirados em caminhões de transmissão da TV e na entrada da imprensa. Pedacos de madeira e pedras foram arremessados no portão dos jogadores, e a polícia novamente usou bombas de gás, pimenta e bala de borracha. Algumas pessoas ficaram presas dentro do estádio.

¹⁰ RACISMO, quebra-quebra e prisão: como a final entre Fla e Independiente virou barbárie. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 dez. 2017, Esportes. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/racismo-quebra-quebra-prisao-como-final-entre-fla-independiente-virou-barbarie-22185700>>. Acesso em 14 out. 2019.

¹¹ ALMEIDA, Pedro Ivo, Burlá, Leo, Castro, Vinicius. Final do Fla ratifica Rio como palco de ódio, brigas e gás de pimenta. **UOL**, Rio de Janeiro, 14 dez. 2017, Esportes. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/copa-sul-americana/ultimas-noticias/2017/12/14/final-do-fla-ratifica-rio-como-palco-de-odio-briga-e-gas-de-pimenta.htm>>. Acesso em 14 out. 2019.

Ao todo, os 484 policiais e 709 seguranças internos não conseguiram controlar toda a onda de violência que tomou conta da final. A Confederação Sul-Americana de Futebol chegou a ameaçar o Flamengo de uma possível exclusão da Copa Libertadores de 2018, que acabou recebendo multa de 300 mil dólares (R\$ 951 mil) e dois jogos de portões fechados na competição continental. 48 torcedores foram presos no dia anterior a final, na confusão nos hotéis. Já no dia do jogo, 16 pessoas foram detidas.

4.3.1 Cobertura do jornal Folha de São Paulo

Já neste caso, a Folha de São Paulo foi extremamente econômica. Não há uma citação sobre o ocorrido nem na capa geral (figura 10), nem na de esportes. Apenas uma matéria de um terço de página (figura 12) dentro do caderno esportivo, com uma foto. A reportagem é assinada pelo jornalista Sérgio Rangel, e tem a seguinte manchete: “Flamengo perde título após brigas e invasão ao estádio”; e duas linhas finas, uma falando sobre o jogo: “Com empate em 1 a 1, Independiente fica com o troféu da Sul-Americana”, e o segundo relatando a confusão pré-jogo: “Ônibus da equipe argentina chegou à final no Maracanã com vidros quebrados por torcedores do Flamengo”.

E o texto tem caráter bem informativo, mesclando o que aconteceu fora do Estádio Jornalista Mário Filho, com o que houve dentro das quatro linhas. A narrativa começa com: “Brigas nos arredores, portões arrombados e centenas de torcedores invadindo o Maracanã.” E a parte que relata a confusão segue essa linha em todo o momento. Sem adjetivação aos torcedores, nem a briga em si, com termos de guerra como vimos anteriormente. O jornalista relata que a confusão ocorreu desde o início da noite, com torcedores invadindo o estádio, derrubando cercas portões e catracas, e policiais lançando bombas de efeito moral e spray de pimenta. Além disso, fala da briga entre brasileiros e argentinos nos arredores do estádio; do ônibus do Independiente chegando com vidros quebrados e dos jogadores argentinos que fizeram o caminho da entrada do Maracanã até os vestiários com rosto coberto para não inalar o gás da polícia. Há também a menção ao que ocorreu na noite anterior, com o foguetório em frente ao hotel que estava hospedada a delegação argentina e as brigas nas ruas cariocas. A reportagem não traz nenhuma entrevista.

4.3.2 Cobertura do jornal O Globo

E mesmo o jornal carioca O Globo não dá muito espaço para a confusão ou para a final do título continental. A capa do jornal (figura 11), assim como a Folha de São Paulo, traz como destaque de esportes a classificação do Real Madrid (ESP) no Mundial de Clubes para encarar o Grêmio na final daquele ano. Nenhuma menção ao jogo. A capa de esportes é direcionada ao Flamengo, mas para falar do jogo, ou mais especificamente, a falta de futebol apresentado pelo clube carioca, que culminou no vice-campeonato. Apenas dentro do caderno, em uma matéria de pouco mais de meia página que há uma reportagem relacionada a confusão (figura 13). Naquele dia, O Globo apresentou três fotos sobre a quarta-feira anterior, com duas sobre a confusão e uma do jogo.

Verificou-se que o padrão de títulos de 2013 continuou. Em matéria assinada pelos jornalistas Carolina Oliveira Castro e Diogo Dantas há o chapéu “Cena se repete” e o título é apenas a palavra “Vandalismo”. Na sequência, a seguinte linha fina “PM usa balas de borracha e spray de pimenta para dispersar torcedores antes e depois do jogo. Pessoas sem ingresso invadiram o Maracanã”. Assim como na Folha, a reportagem teve caráter informativo, conciso, sem adjetivos ou termos que podem influenciar o leitor, como diz Nunes (2003).

Os jornalistas fazem um histórico de toda a confusão: o estranhamento entre brasileiros e argentinos desde a partida de ida; os torcedores do Flamengo que provocaram tumulto após a derrota, sendo contidos pela polícia com bala de borracha e spray de pimenta; o metrô próximo ao estádio que teve de ser fechado, obrigando famílias a voltarem ao Maracanã após o término da partida. E antes do jogo, com focos de confusão entre flamenguistas e argentinos dentro e fora do estádio; a invasão de torcedores rubro-negros sem entradas a três setores do estádio; a dificuldade do acesso de pessoas com ingressos, que acabaram acuadas pelas balas e o gás; além do mesmo erro de Hillsborough, com abertura de portões do Maracanã para evitar mais confusão, desta vez sem vítimas.

A reportagem não traz nenhuma entrevista, mas apresenta três notas oficiais. A primeira da Conmebol, que disse que abriria processo contra o Flamengo por não propiciar um clima seguro para a equipe adversária, seja no hotel, ou no deslocamento da delegação ao estádio. A confederação também investigou o Independiente pelo que houve na ida, principalmente o racismo. A segunda, do próprio

Independente que critica a polícia do Rio de Janeiro e o Flamengo por permitirem diversos incidentes, ressaltando a responsabilidade do clube mandante. E por fim, a nota oficial do Flamengo, da qual repudiou o comportamento de sua torcida e disse que o então presidente do clube, Eduardo Bandeira de Mello, pediu desculpas aos dirigentes argentinos.

Sobre os dois jornais, verificamos uma diminuição no tamanho da cobertura e na ênfase dos textos dos jornalistas, que passaram a ser meramente informativos, o que empobrece tanto a profissão como a discussão acerca da violência, afinal, com matérias mais econômicas, o jornalismo se torna cada vez mais burocrático, onde o jornalista trabalha de acordo com o caráter editorial ou de quem financia o veículo. O profissional sempre será um bom sujeito, como caracteriza Louis Althusser (1983), ou seja, com a simplificação da notícia, os sujeitos que provocam a intervenção no aparelho do Estado tendem a ser cada vez mais raros. E citando novamente Lopes (2016), se o comunicador deixa de mostrar toda a violência e repressão, ou faz isso de maneira simplista, a sociedade continuará a naturalizar comportamentos como a violência estrutural, física, a culpabilidade dos torcedores como em Hillsborough e tantos outros exemplos.

Por fim, assim como nos outros dois casos, há a coleta de informações referente ao que esteve nos dois jornais no dia 14 de dezembro de 2017. Na sequência, pode-se comparar a capa da Folha e do O Globo, e a única página que cita a confusão entre brasileiros, argentinos e polícia nos periódicos, já que não há menção sobre o ocorrido na capa da editoria de esportes de ambos os jornais.

Quadro 3 – análise comparativa entre os jornais, referentes à final da Sul-Americana de 2017.

	Destaque na capa	Capa de Esportes	Página inteira	Meia página	Páginas pares	Páginas ímpares	Fotos
Folha de SP	Não	Nenhuma menção	Nenhuma	Uma	Nenhuma	Uma	Uma
O Globo	Não	Sobre o jogo	Nenhuma	Uma	Nenhuma	Uma	Duas

Fonte: o próprio autor.

Figura 10 – Capa da Folha 14.12.2017



Fonte: Acervo digital da Folha de São Paulo

Figura 11 – Capa do O Globo 14.12.2017



Fonte: Acervo O Globo

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se iniciou com a premissa de entender se a mídia impressa acaba influenciando ou não comportamentos violentos por parte das torcidas organizadas, elencando dados e análises que também apontariam qual o papel da mídia no debate acerca da atmosfera de violência direta e estrutural que cerca os estádios de futebol no Brasil. Como recorte prático e plausível dentro dos limites temporais e condições de pesquisa para a conclusão deste TCC, foram selecionadas reportagens de dois dos importantes jornais impressos do país. Ao reunir o material exposto nesta monografia, foi possível esboçar (ainda que de maneira limitada e breve) o perfil do torcedor brasileiro e como a violência nas arenas funciona na prática. Optou-se por analisar e contemporizar três episódios importantes envolvendo casos brutais em estádios brasileiros a partir dos acervos digitais da Folha de São Paulo e do jornal O Globo.

Foram analisados a “batalha campal do Pacaembu”, confronto que envolveu Polícia Militar e torcedores de Palmeiras e São Paulo em 20 de agosto de 1995; a briga entre torcedores do Athletico Paranaense e do Vasco da Gama, na Arena Joinville, no dia 8 de dezembro de 2013; e, por fim, a confusão entre torcedores de Flamengo e a torcida argentina do Independiente, que envolveu também policiais e seguranças do Estádio Maracanã, na Copa Sul-americana, de 13 de dezembro de 2017. A partir de conceitos de valor-notícia e dos discursos (dos torcedores, dos jornalistas, da segurança pública) e da própria configuração das palavras violência, torcida, imprensa e jornalismo, buscou-se construir uma análise que abarcasse o objeto pesquisado: a violência no futebol.

Antes de apontar algumas considerações finais sobre a pesquisa, ressaltamos que é difícil afirmar que jornais impressos têm poder de influência sobre o chamado “público em massa” em um país que lê em média 2,43 livros por ano, de acordo com pesquisa realizada pela Instituição Pró-Livro (2016)¹². Os dados são ainda piores quando a leitura se restringe ao jornal impresso.

Em pesquisa da Secretaria de Comunicação da Presidência da República em 2014, 76% dos brasileiros afirmaram não ter o hábito de ler jornais, 21%

¹² BRASILEIRO lê em média 2,43 livros por ano, diz pesquisa. **Portal T5**, 23 abr. 2018, Paraíba. Disponível em: <<https://www.portalt5.com.br/noticias/paraiba/2018/4/83640-brasileiro-le-em-media-2-43-livros-por-ano-diz-pesquisa>>. Acesso em 14 nov. 2019.

leriam pelo menos em um dia da semana e apenas 7% da população eram leitores diários. Em levantamento feito pela Folha de São Paulo, em 2016, 80% dos leitores do jornal possuíam ensino superior e 48% tinha renda igual ou superior a R\$ 8 mil, uma realidade bem distinta do perfil do torcedor organizado no Brasil, onde a maioria está na faixa dos 15 a 24 anos e 71% estão desempregados, como diz a pesquisa de Murad (2017) apresentada anteriormente nesse texto.

Mas se a mídia impressa não influencia diretamente, ela segue tratando os casos como espetáculo, e utilizando a premissa da violência de outros para manter a audiência de seus leitores de camadas mais altas na cadeia social, por mais que observemos uma diminuição na cobertura de 1995 para 2017. Na Batalha Campal do Pacaembu, foram 17 textos nos dois jornais, entre reportagens, artigos de opinião e notas, além de 12 fotos. Já em 2014, juntando os dois periódicos foram sete materiais escritos, e as mesmas 12 fotos – algumas mais sensacionalistas para atrair o leitor –, mas muito do tamanho dessa cobertura se deu ao fato de que duas equipes cariocas foram rebaixadas naquela rodada, e uma estava envolvida na partida da briga em Joinville. Em 2017, a cobertura se reduziu de vez. Apenas uma reportagem em cada jornal para falar da briga. A Folha sequer produziu um texto específico para falar da final. E apenas três fotos foram utilizadas para ilustrar as páginas. O grande destaque foi a definição da final do Mundial de Clubes daquele ano entre Grêmio e Real Madrid que aconteceria três dias depois.

Observados os dados de maneira ampla, foi possível verificar reconfigurações das torcidas, em termos socioeconômicos, a partir das mudanças dos estádios, transformados em arenas que, assim como na Inglaterra pós desastre de Hillsborough, foi utilizada como premissa de que seria em prol do bem-estar do torcedor “comum”, para a diminuição da violência. Mas conseqüentemente, mais caras e elitizadas, o que para Lopes (2016) se configura como um ato de violência estrutural pois afasta boa parte da população dos estádios. E também, mudanças radicais nos modelos de negócio e nas transições de plataformas das mídias onde os jornais impressos foram os que mais sentiram.

Por exemplo, pelo que constatamos ao longo da pesquisa, a diminuição da cobertura do caso mais recente (2017) em relação ao primeiro (1995) não se deu apenas por motivos éticos, mas também, principalmente, pelas transformações na comunicação e enfraquecimento da mídia impressa. Mauro Wolf

(2002) diz que um acontecimento só se torna notícia se for pertinente de acordo com a cultura dos jornalistas e suscetível de ser trabalhado sem muitas alterações e subversões no ciclo natural da redação, salvo quando o acontecimento é grande e necessita de uma cobertura maior. Ou seja, um jornal, ainda mais em períodos de crise como passa a mídia impressa, não vai disponibilizar um grande efetivo de recursos para a cobertura de algo que não seja realmente importante, segundo o caráter editorial. Talvez por estar sediada em São Paulo, a Folha não faria uma cobertura completa de uma briga entre torcedores do Flamengo. Com sede no Rio de Janeiro, o Globo sequer cobriria (como não cobriu) a confusão do Pacaembu, estádio paulista, em 1995, isso quando os jornais ainda estavam financeiramente bem. Em 2017, os jornais apresentaram apenas o que ocorreu, quase um texto com lead, sub lead e conclusão.

O pressuposto apresentado acima reforça nossa hipótese sobre a diminuição da cobertura também ser resultado do fato de o jornalismo impresso estar perdendo fôlego em visibilidade, na capacidade de adaptação ao meio digital e na efetiva perda de espaço dentre tantas plataformas midiáticas com conteúdo jornalístico. Em reportagem da Folha de São Paulo de 15 de junho de 2000¹³, há um levantamento interessante sobre o crescimento dos jornais impressos na década de 1990 no Brasil. Só nesse período, a circulação média de jornais diários brasileiros cresceu 69,43%. Em 1990, a média era de 4.276.000 exemplares por ano, e em 1999 já alcançava 7.245.000 exemplares, uma média de crescimento anual de 7%.

Além disso, havia um forte investimento no setor, com o mercado publicitário brasileiro nos jornais movimentando US\$ 4,4 bilhões em 1999. A década de 1990 marcou um crescimento de 251,6% no investimento publicitário; e com os jornais recebendo 23,8% de toda a fatia dos recursos do mercado publicitário em 1999. Além disso, no final daquela década, a maioria dos jornais brasileiro solicitavam aumento das suas cotas de importação de papel, para ter um suprimento até 2001. No final dos anos 1980, os jornais brasileiros consumiam 360 mil toneladas de papel por ano. Em 1995, o consumo já havia batido a marca de 700 mil toneladas. Registrava-se naquela época 2.245 jornais no Brasil, com 465 diários e 192 com páginas na internet.

¹³ GRILLO, Cristina. **Jornais do país crescem 69% nos anos 90**. Rio de Janeiro, 15 jun. 2000, Geral. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1506200017.htm>>. Acesso em 01 nov. 2019.

Por outro lado, o cenário entre o começo de 2014 e final de 2017 era totalmente diferente. Em janeiro de 2018¹⁴, o portal Poder360 divulgou dados sobre a situação dos então 11 maiores jornais brasileiros – Folha de São Paulo (SP), O Globo (RJ), Super Notícia (MG), O Estado de São Paulo (SP), Zero Hora (RS), Valor Econômico (SP), Correio Braziliense (DF), Estado de Minas (MG), A Tarde (BA), O Povo (CE) e Gazeta do Povo (PR) – de acordo com pesquisa feita pelo Instituto Verificador de Circulação. Neste triênio, os jornais acima perderam 520 mil exemplares da tiragem impressa média. Em 2014, a média por dia desses jornais era de 1.256.322 jornais, em 2017 já era de 736.346.

E o impresso não perdeu exemplares porque o leitor migrou para a assinatura digital. A Folha de São Paulo registrava em 2014, uma tiragem média de 211.933 exemplares por dia e possuía 159.177 assinaturas digitais. Em 2017, 127.007 exemplares diários, mas a diferença de leitores naqueles três anos não foi resultado de migração para o digital, que possuía naquele ano, 164.327 assinaturas digitais. Foram 84.926 jornais a menos sendo impressos, para um ganho de apenas 5.150 assinaturas. Já O Globo registrou queda tanto na mídia física como na digital. Os 204.780 jornais impressos em 2014 se tornaram 130.417 em 2017. No ambiente digital, em 2014 eram 148.472 assinaturas, reduzidas posteriormente para 112.987 três anos depois. Foram 74.363 jornais impressos e 35.485 assinaturas digitais a menos. O saldo naquele triênio entre ganhos e perdas de assinantes nas duas mídias foi de déficit de 85.716 para a Folha de São Paulo e 109.848 para O Globo.

Por outro lado, convém apontar alguns sinais positivos e menos nebulosos sobre a mídia impressa no cenário atual. Os jornais têm sido fortes nas redes sociais e na parte gratuita de seus periódicos digitais. Segundo a mesma reportagem do portal Poder360, Folha e O Globo eram (e ainda são) os jornais com mais seguidores no Facebook. A Folha possuía 5.954.066 seguidores em 2017, número que curiosamente caiu para 5.754.347 hoje. E O Globo tinha 5.574.463, mas de lá para cá aumentou para 5.696.411. Os dados por si só podem não dizer muita coisa para alguns, mas quanto menor o alcance, menor o dinheiro investido para os jornais, e dos jornais para as reportagens, afinal, como disse Mauro Wolf, os recursos também são considerados um critério de noticiabilidade.

¹⁴ TIRAGEM impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. **Poder360**, 31 jan 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>>. Acesso em 01 nov. 2019.

Sendo assim, observamos na pesquisa que este critério enfatizado por Wolf é um dos primeiros levantados pelos jornais ao se receber uma pauta. A proximidade do fato a cidade em que o veículo está localizado também. Mais uma vez reforçamos que, em 1995, O Globo não deu tanta ênfase a batalha campal do Pacaembu, ocorrida em São Paulo, e a Folha foi mais econômica nos fatos que envolveram clubes do Rio de Janeiro em 2013 e 2017.

Contudo, a violência sempre foi pauta por conta de seu caráter de reter atenção, com grande foco para as imagens, como na confusão de Joinville. Por outro lado, os termos de guerra, muito mais recorrentes na década de 1990, diminuíram, mas a culpa em torno do torcedor segue. Não que as pessoas que provocam as confusões sejam inocentes. Muito pelo contrário: caso sejam realmente culpadas, devem ser penalizadas de acordo com o que é previsto pela lei, assim como os policiais, clubes e dirigentes que são negligentes e mal preparados para agir em grandes confusões (o que raramente é levantado em uma reportagem jornalística).

A questão que esta pesquisa levantou e que, aparentemente, não mudou da primeira cobertura para a última foi a falta de fontes que representassem o lado do torcedor. Em nenhuma reportagem analisada, um membro de torcida organizada foi ouvido. O mais próximo que se teve disso foi um torcedor comum que estava no meio da organizada do São Paulo no Pacaembu em 1995 e acompanhou outro ao hospital. Assim, apenas policiais se isentavam de suas responsabilidades, e dirigentes que transferiam a culpa.

A realidade, após análises deste trabalho, é que a lei ainda é branda, a maioria dos estádios não tem estrutura adequada, os policiais são mal preparados, e por mais que os torcedores briguem, a confusão sempre tem um entorno com muito mais culpados. Além disso, verificou-se que a mídia impressa não influenciaria efetivamente, ou de maneira direta, as confusões – para isso, seria necessário analisar reportagens de televisão e principalmente, os canais de comunicação direto das torcidas pela internet – mas acaba distorcendo a realidade para que as camadas mais ricas da população que lê jornais impressos culpabilizem as torcidas, e isentem os dirigentes por preços altos dos ingressos ou a polícia por não trazer um ambiente mais seguro nas praças esportivas.

No entanto, a percepção que tivemos reforça uma percepção dos pesquisadores de Comunicação dedicados aos processos de produção midiática e de configuração dos conceitos de valor-notícia: a mídia impressa, por ser clássica de colocada em um patamar aparentemente superior aos demais veículos de comunicação, segue com forte influência indireta sobre a sociedade e, por extensão, sobre as demais plataformas midiáticas. Basta pensar que o jornal Folha de S. Paulo e a revista Veja “pautam” rádio, televisão e colunistas digitais logo depois de saírem nas bancas.

Outros exemplos distantes geograficamente, mas que visivelmente exercem uma “força gravitacional-midiática” sobre as demais mídias globais são jornais como norte-americano The New York Times, o francês Le Monde, o espanhol Clarín ou o britânico Harold Tribune. Isso sem contar o considerado mais influente veículo de comunicação do planeta, com seus 1,55 milhão de exemplares impressos e outros 1,3 milhões de assinantes digitais: a The Economist inglesa que, apesar de ser veiculada com as configurações de um magazine, “refere-se a si mesma como um jornal, mas com edição impressa em formato de revista de notícias”¹⁵.

O jornalista, seja no Brasil ou no exterior, tem a responsabilidade social de mostrar um fato, como está no código de ética da profissão, mas não pode deixar que a função social se apague, criticando quem tem que criticar e sendo justo com o torcedor organizado, que em sua maioria não é vândalo como trazem, conforme pesquisas de Murad (2017).

Entendemos que a torcida organizada é uma pequena representação das relações sociais em estado de constante tensão, o que não significa necessariamente violência. O êxtase, a adrenalina, a paixão por um time de futebol, a perspectiva milenar das relações de poder (entre lideranças das torcidas ou entre estes últimos e os dirigentes de futebol) e também a natureza do homem pelo confronto e pela competição, condição que está em nosso DNA há milênios (na caça, nos conflitos entre tribos, nas invasões de colonizadores, na briga por melhores empregos e qualidade de vida, etc.).

Este micromundo em estado constante de ebulição nos momentos em que afloram (no mínimo, toda quarta e domingo, nas telas de TV e in loco, nos estádios

¹⁵ Why does The Economist call itself a newspaper?, **The Economist**, Londres, 2 set. 2013, The Economist explain itself. Disponível no link: <<https://www.economist.com/the-economist-explains/2013/09/01/why-does-the-economist-call-itself-a-newspaper>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

de futebol brasileiros) serve para observarmos também os processos de produção da notícia e do exercício do jornalismo em momentos de rápidas decisões. Acreditamos que a pesquisa tenha alcançado seu objetivo, servindo de pequena mostra para apresentar o debate para futuros pesquisadores que queiram entender e se aprofundar na dupla paixão do autor desta monografia: o jornalismo e o futebol.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro Ivo, Burlá, Leo, Castro, Vinicius. Final do Fla ratifica Rio como palco de ódio, brigas e gás de pimenta. **UOL**, Rio de Janeiro, 14 dez. 2017, Esportes. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/copa-sul-americana/ultimas-noticias/2017/12/14/final-do-fla-ratifica-rio-como-palco-de-odio-briga-e-gas-de-pimenta.htm>>. Acesso em 14 out. 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Grall, 1983.

BECKFORD, Martin. Hillsborough report: 41 of 96 victims could have lived. **The Telegraph**, Liverpool, 12 set. 2012, News. Disponível em <<https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/liverpool/9539293/Hillsborough-report-41-of-96-victims-could-have-lived.html>>. Acesso em 11 out. 2019.

BRASILEIRO lê em média 2,43 livros por ano, diz pesquisa. **Portal T5**, 23.abr.2018, Paraíba. Disponível em: <<https://www.portalt5.com.br/noticias/paraiba/2018/4/83640-brasileiro-le-em-media-2-43-livros-por-ano-diz-pesquisa>>. Acesso em 14 nov. 2019.

BRIGA interrompe Atlético-PR x Vasco e deixa 4 torcedores feridos; não há risco de morte. **Folha de São Paulo**, 8 dez. 2013, esportes. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/12/1382694-briga-entre-torcidas-interrompe-a-partida-entre-vasco-e-atletico-pr.shtml>>. Acesso em 27 maio 2019.

BUFORD, Bill. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

COM crescimento digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 abr. 2019, poder. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>>. Acesso em 11 out. 2019.

COSTA, Leda. **Adestrando torcedores: imprensa, violência e espetáculo**. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.com/2015/04/07/adestrando-torcedores-imprensa-violencia-e-espetaculo/>>. Acesso em 01 abr. 2019.

DA MATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

GALTUNG, J. **Sobre la paz**. Barcelona: Editorial Fontamara, 1985.

GASTALDO, Édison. A Arquibancada Eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. **XIII Compós: São Bernardo do Campo/SP**, 2004.

GRILLO, Cristina. **Jornais do país crescem 69% nos anos 90**. Rio de Janeiro, 15 jun. 2000, geral. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1506200017.htm>>. Acesso em 01 nov. 2019.

GUIMÓN, Pablo. A tragédia de Hillsborough foi homicídio, não acidente. **El País**, Londres, 26 abr. 2016, esportes. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/26/deportes/1461666410_746494.html>. Acesso em 11 out. 2019.

JUNIOR, Alberto Helena. Isso não é bossa nova, nem é muito natural. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 ago. 1995, esportes, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/21/esporte/4.html>>. Acesso em 05 nov. 2019.

JUNIOR, Gonçalo. Os 20 anos da briga que mudou a história das torcidas. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 15.ago.2015, esportes. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,os-20-anos-da-batalha-do-pacaembu--tragedia-que-chocou-o-brasil,1744717>>. Acesso em 14 out. 2019.

KFOURI, Juca. Violência barata. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21.ago.1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/21/esporte/5.html>>. Acesso em 05 nov. 2019.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, Record, 2003.

LIAKOPOULOS, Miltos at BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Editora Vozes, 2015.

LOPES, Felipe. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012, p.590, tese de doutorado em psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOPES, Felipe. O papel dos meios de comunicação na construção da paz no futebol. **Revista Alterjor**, São Paulo, v.1, a.7, ed.13, p.149-167, jan-jun 2016.

MOREIRA, Mário. DAMATO, Marcelo. Torcedores brigam em jogo de juniores e adiam estreia do Corinthians no Brasileiro. **Folha de São Paulo**, 21 ago. 1995, esportes. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/21/esporte/1.html>>. Acesso em 11 out. 2019.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. 2. ed, São Paulo, Benvirá, 2017.

MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, no.99, p.139-152, set-nov 2013.

NASCIMENTO, Rafael. Após final, tumultos são registrados durante saída de torcida no Maracanã. **O Globo**, 14 dez. 2017, esportes. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/apos-final-tumultos-sao-registrados-durante-saida-de-torcida-no-maracana-22189559>>. Acesso em 11 out. 2019.

NUNES, Carlos Alberto. **Notícia e Linguagem**. Canoas, Editora da ULBRA, 2003.

OXFORD, Dictionaries. **Um jovem violento e encrenqueiro, tipicamente de uma gangue.** Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/hooligan>. Acesso em 28 mai. 2019, tradução nossa.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo, Editora Contexto, 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **Revista São Paulo em perspectiva**, São Paulo, vol.14, no.2, p.122-128, abr-jun 2000.

RACISMO, quebra-quebra e prisão: como a final entre Fla e Independiente virou barbárie. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 dez. 2017, esportes. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/racismo-quebra-quebra-prisao-como-final-entre-fla-independiente-virou-barbarie-22185700>>. Acesso em 14 out. 2019.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 11, n.1, p.167 – 172, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso.** Porto, 2001.

TIRAGEM impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. **Poder360**, 31 jan. 2018. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>>. Acesso em 01 nov. 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique. A invenção do torcedor de futebol disputas simbólicas pelos significados de torcer. **Futebol – espetáculo do século**, Musa, São Paulo, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Autores Associados, São Paulo, 1996.

TORCEDOR acusado de envolvimento em briga na Arena Joinville é condenado a 10 anos de prisão. **G1**, Joinville, 6 dez. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/12/06/torcedor-acusado-de-envolvimento-em-briga-na-arena-joinville-e-condenado-a-10-anos-de-prisao.ghtml>>. Acesso em 12 out. 2019.

WHY does The Economist call itself a newspaper?. **The Economist**, Londres, 2 set. 2013, The Economist explain itself. Disponível no link: <<https://www.economist.com/the-economist-explains/2013/09/01/why-does-the-economist-call-itself-a-newspaper>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Barcarena, Editorial Presença, 2002.